

PRISCILA SILVANO AZEREDO

A TROCA DA VIBRANTE POR TEPE EM *ONSET* SILÁBICO: UMA ANÁLISE DE
VARIÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA NA COMUNIDADE BILÍNGUE DE FLORES
DA CUNHA (RS)

PORTO ALEGRE

2012

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ÁREA: ESTUDOS DA LINGUAGEM
ESPECIALIDADE: TEORIA E ANÁLISE LINGUÍSTICA
LINHA DE PESQUISA: MORFOLOGIA E FONOLOGIA

A TROCA DA VIBRANTE POR TEPE EM *ONSET* SILÁBICO: UMA ANÁLISE DE
VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA NA COMUNIDADE BILÍNGUE DE FLORES
DA CUNHA (RS)

PRISCILA SILVANO AZEREDO

ORIENTADORA: PROF. DRA. ELISA BATTISTI

Dissertação de Mestrado em Teoria e Análise Linguística
apresentada como requisito parcial para a obtenção do
título de Mestre pelo programa de Pós-Graduação em
Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

PORTO ALEGRE

2012

PRISCILA SILVANO AZEREDO

A TROCA DA VIBRANTE POR TEPE EM *ONSET* SILÁBICO: UMA ANÁLISE DE
VARIÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA NA COMUNIDADE BILÍNGUE DE FLORES
DA CUNHA (RS)

Dissertação de Mestrado em Teoria e Análise Linguística
apresentada como requisito parcial para a obtenção do
título de Mestre pelo programa de Pós-Graduação em
Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof. Dra. Elisa Battisti

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Carmen Faggion (UCS)

Prof. Dra. Gisela Collischonn (UFRGS)

Prof. Dra. Valéria Monaretto (UFRGS)

PORTO ALEGRE
2012

RESUMO

Esta pesquisa ocupa-se em investigar, à luz da Teoria da Variação laboviana, o emprego de tepe em lugar de vibrante em *onset* silábico na fala da comunidade bilíngue (português-italiano) de Flores da Cunha (RS), alternância que não se verifica na fala de monolíngues-português. Utilizaram-se dados de dois bancos, VARSUL e BDSer, levantados de entrevistas realizadas em 1990 e 2009, o que possibilitou fazer um estudo em tempo real.

A análise da fala de 40 informantes, 20 de cada banco, revelou um decréscimo na frequência total de aplicação da regra: 41% nos dados do VARSUL, 31% nos do BDSer, indício de regressão da regra.

Na análise em tempo real, estudo de tendência, observou-se semelhança no papel favorecedor ou desfavorecedor das variáveis controladas, exceto no que diz respeito à variável Idade. O estudo de painel mostrou que os informantes diminuíram a aplicação da regra com o passar dos anos, o que contraria a expectativa de estabilidade do padrão linguístico da fala adulta.

Palavras-chave: Variação da vibrante; Teoria da Variação laboviana; Tempo real; Bilinguismo português-italiano.

ABSTRACT

This is a research about the use of tap where a trill is expected in Brazilian Portuguese, which does not occur in the speech of monolinguals, but can be verified in the speech of Portuguese-Italian bilinguals who live in the city of Flores da Cunha (Rio Grande do Sul, Brazil). The analysis follows the Theory of Language Variation, by William Labov. The data come from two different sources, VARSUL and BDSer data banks, which have sociolinguistic interviews recorded in 1990 and 2009. This fact enabled us to carry out a real time study.

The analysis of the speech of 40 informants, 20 from each bank, showed a decrease in the total frequency of rule application: 41% in the speech of VARSUL informants, 31% in the speech of BDSer informants, a sign of rule regression.

The real time analysis, tendency study, showed that the role of the variables under control has not changed along 20 years, except the role of the variable Age. The pannel study showed a decrease in rule application by the three informants studied. This goes against the expectation of a stable linguistic behavior in adult speech.

Key words: Trill and tap alternation; Theory of language variation; Real time analysis; Portuguese-italian bilingualism.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me conceder essa experiência e oportunidade;

À minha orientadora, professora Elisa Battisti pela paciência, dedicação, conhecimento e principalmente por não ter desistido de acreditar no meu esforço;

Aos meus pais, Ronaldo e Mariza, pessoas inigualáveis que estiveram sempre ao meu lado apoiando e incentivando;

Ao meu namorado Adriano De Noni, pelo incentivo e compreensão;

Ao meu irmão Lucas pelo auxílio constante e paciência;

Aos colegas e amigos Márcia Eliane e Roberto Nasi pelo companheirismo durante essa trajetória.

A todos os professores do programa de pós-graduação em Letras da UFRGS, que direta ou indiretamente contribuíram para minha formação.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa do Rio Grande do Sul com a localização de Flores da Cunha	19
Figura 2 – Placa indicativa de rua no centro de Flores da Cunha (28/10/11, acervo da autora)	23

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Distribuição dos informantes VARSUL	41
Quadro 2 - Distribuição dos informantes do BDSer.....	41
Quadro 3 - Variáveis Independentes.....	48

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Uso do Tepe em contexto de Vibrante - VARSUL	49	
Gráfico 2 - Uso de Tepe em Contexto de Vibrante - BDSer.....	55	
Gráfico 3 - Posição da Sílabas na Palavra - VARSUL e BDSer.....	62	
Gráfico 4 - Número de Sílabas na Palavra - VARSUL e BDSer.....	63	
Gráfico 5 - Gênero - VARSUL e BDSer.....	63	
Gráfico 6 - Idade - VARSUL e BDSer	64	
Gráfico 7 - Idade - VARSUL: Curva	Gráfico 8 - Idade - BDSer: Curva	65
Gráfico 9 - Escolaridade - VARSUL e BDSer	66	
Gráfico 10 - Bilinguismo - VARSUL e BDSer.....	66	
Gráfico 11 - Emprego do Tepe - VARSUL e BDSer	68	

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Escolaridade - VARSUL	50
Tabela 2 - Posição da Sílabas na Palavra - VARSUL.....	51
Tabela 3 - Bilinguismo - VARSUL	52
Tabela 4 - Gênero - VARSUL.....	53
Tabela 5 - Número de Sílabas - VARSUL.....	54
Tabela 6 - Idade - VARSUL.....	55
Tabela 7 - Bilinguismo - BDSer	56
Tabela 8 - Idade - BDSer	57
Tabela 9 - Escolaridade - BDSer.....	59
Tabela 10 - Posição da Sílabas na Palavra - BDSer.....	59
Tabela 11 - Gênero - BDSer.....	60
Tabela 12 - Número de Sílabas na Palavra - BDSer.....	61

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 IMIGRAÇÃO ITALIANA	14
2.1 Imigração italiana no Rio Grande do Sul	15
2.2 Imigrantes italianos em Flores da Cunha.....	17
2.3 Flores da Cunha: Anos 90 e anos 2000	20
3 TEORIA DA VARIAÇÃO	24
3.1 Um breve histórico	24
3.2 Objetivos e pressupostos do modelo.....	26
3.3 Conceitos básicos	28
3.4 Mudança linguística.....	29
3.5 Estratégias de análise em tempo aparente e tempo real	31
4 VARIAÇÃO DA VIBRANTE.....	33
4.1 A vibrante na fonologia do português	33
4.2 Análises de regra variável	35
5 METODOLOGIA	40
5.1 Método de análise dos dados.....	42
5.2 A presente pesquisa.....	44
5.3 Definição das Variáveis	45
5.3.1 Variável dependente	45
5.3.2 Variáveis Independentes.....	45
5.3.2.1 Variáveis Linguísticas	45
5.3.2.1.1 Tonicidade da Sílabas	45
5.3.2.1.2 Posição da Sílabas na Palavra	45
5.3.2.1.3 Número de Sílabas	46
5.3.2.2 Variáveis Extralinguísticas	46
5.3.2.2.1 Gênero.....	46
5.3.2.2.2 Idade.....	47
5.3.2.2.3 Escolaridade	47
5.3.2.2.4 Bilinguismo	47
6 RESULTADOS DA ANÁLISE QUANTITATIVA DOS DADOS.....	49
6.1 VARSUL.....	49
6.1.1 Escolaridade	50

6.1.2 Posição da Sílabas na Palavra	51
6.1.3 Bilinguismo	52
6.1.4 Gênero.....	53
6.1.5 Número de Sílabas na Palavra	54
6.1.6 Idade.....	54
6.2 BDSer	55
6.2.1 Bilinguismo	56
6.2.2 Idade.....	57
6.2.3 Escolaridade	58
6.2.4 Posição da Sílabas na Palavra	59
6.2.5 Gênero.....	60
6.2.6 Número de Sílabas na Palavra	60
6.3 Análise em Tempo Real	61
6.3.1 Estudo de tendência	61
6.3.2 Estudo de painel	67
CONCLUSÃO	71
REFERÊNCIAS	75
ANEXOS.....	78

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo tem por objetivo geral, com base em dados de fala provenientes de dois acervos distintos, o do projeto VARSUL (Variação Linguística Urbana da Região Sul¹) e o do BDSer (Banco de Dados de Fala da Serra Gaúcha²), analisar a variação da vibrante em posição de *onset*³ silábico, na fala de descendentes italianos residentes em Flores da Cunha (RS), quando estes fazem uso do português.

Conforme Monaretto (1997), “*Os diferentes tipos de r, dependentes do dialeto e do contexto linguístico, são considerados variantes da vibrante*”. Entende-se por vibrante, do ponto de vista fonético, o som que ocorre por pequenas oclusões produzidas pelo dorso ou ponta da língua batendo repetidas vezes contra a arcada dentária superior, contra os alvéolos ou contra o véu palatino através da ação da corrente de ar. Ao invés de produzir oclusões, a língua também pode não fechar totalmente a passagem de ar, fazendo com que a vibração desapareça e dê lugar para o som fricativo ou aspirado, o que, segundo Monaretto (1997), é muito comum nas línguas. A essas modalidades de articulações dá-se o nome de *r-forte*, também chamado de vibrante múltipla, verificadas em vocábulos do português como *roda*, *corrida*, por exemplo.

Já ao som de *r* produzido com uma só batida da língua junto aos alvéolos dá-se o nome de tepe ou vibrante simples, branda ou fraca, conforme Monaretto, Quednau e Hora (2005), como em *arara*, *cadeira*.

Embora a vibrante se caracterize como um fonema com grande número de realizações fonéticas, essas serão, nesta pesquisa, reunidas sob o rótulo vibrante múltipla, a que se oporá o tepe.

O interesse em realizar a presente pesquisa foi o fato de, em comunidades onde houve ou ainda há contato do português com o falar dialetal

¹ O Projeto VARSUL é de responsabilidade das instituições: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade Federal do Paraná (UFPR) e pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Conta com um banco de dados (entrevistas) usado em pesquisas sociolinguísticas. Há mais informações a respeito no capítulo 5, seção 5.1 deste trabalho.

² O BDSer é mantido pela Universidade de Caxias do Sul (UCS) e, como o VARSUL, possui um acervo de entrevistas sociolinguísticas. Ver mais a respeito no capítulo 5, seção 5.1.

³ *Onset* silábico é o mesmo que início de sílaba.

italiano, certas características variáveis são frequentes na fala de moradores quando estes fazem uso da língua portuguesa. Podemos citar como exemplo a troca do ditongo nasal –ão por –on (*coração* é pronunciado *coraçon*, *verão* é pronunciado *veron*, etc). Outra troca comum, que vem a ser o foco deste estudo, é a da vibrante múltipla por tepe (*garrafa* é pronunciada *garafa*, *parreira* é pronunciada *pareira*, etc). Embora já tenham se passado mais de cento e trinta anos da imigração italiana, esse comportamento linguístico ainda se verifica e, aparentemente, com certo vigor. Decidiu-se, então, direcionar olhares para a variação da vibrante – expressão usada neste trabalho para referir o emprego de tepe em lugar de vibrante múltipla - no Sul do Brasil em uma comunidade bilíngue português-italiano, a cidade de Flores da Cunha, Rio Grande do Sul.

O município foi escolhido pelo fato de existirem dois bancos de dados de fala com amostras de informantes da cidade, o VARSUL e o BDSer, coletados em diferentes períodos, o que permite comparar as realizações e discutir variação e mudança linguística. A amostra de dados que faz parte do projeto VARSUL foi coletada em 1990, já a amostra de dados do projeto BDSer, em 2009. Há, portanto, um intervalo de cerca de 20 anos entre uma e outra coleta, o que possibilita, pelo contraste, responder à seguinte questão: qual é o *status* da variação da vibrante, se estável ou na mudança em progresso?

A pesquisa se fundamenta na Teoria da Variação (LABOV, 2008 [1972]), modelo de investigação sociolinguística que tem como objeto de estudo a língua falada em situações reais de uso e preocupa-se em descrever o sistema de uma língua, além de procurar entender o seu funcionamento, localizando esse estudo em uma comunidade de fala ou em mais de uma. A variação linguística, ou duas ou mais formas de dizer a mesma coisa, é entendida como o processo pelo qual a mudança se dá. Assim, estudar variação linguística conforme esse modelo possibilita discutir mudança em suas tendências, se de progresso futuro, estabilização ou, eventualmente, regressão. Se o pesquisador dispõe de entrevistas coletadas em um único período de tempo, apenas, verificará essas tendências de variação e mudança comparando o comportamento linguístico de indivíduos de diferentes grupos etários – é a análise em tempo aparente. Se, no entanto, tiver acesso a dados coletados em dois ou mais períodos distintos, poderá comparar o comportamento de um mesmo indivíduo, ou de indivíduos de mesmo perfil social,

nesses períodos – é a análise em tempo real. É o que se fará no presente trabalho, uma análise da variação da vibrante em tempo real com dados do VARSUL e do BDSer.

Ao ter acesso às entrevistas do projeto VARSUL e compará-las às do BDSer, constatou-se que três dos informantes de Flores da Cunha dos dois acervos eram os mesmos, o que possibilita que, em tempo real, seja feito um estudo de painel, isto é, exatamente com os mesmos informantes, além de um estudo de tendência, com outros informantes, mas de mesmo perfil.

Os objetivos específicos da nossa pesquisa, então, são averiguar a frequência total da troca de vibrante por tepe em *onset* silábico em Flores da Cunha (RS), bem como seus condicionamentos linguísticos e sociais; identificar, mediante contraste de análises de amostras de igual estratificação, diferenças na frequência e nos condicionamentos da troca em dois estágios temporais, num intervalo de 20 anos; verificar, com o contraste do desempenho dos mesmos falantes em duas amostras, coletadas num intervalo de 20 anos, possíveis mudanças em relação à troca, ou estabilização de comportamento.

O trabalho divide-se em sete capítulos, seis além deste, que é o capítulo um. No segundo capítulo, contextualizamos historicamente o município objeto deste estudo, relatando como foi a imigração italiana no Brasil, no Rio Grande do Sul e em Flores da Cunha. No terceiro capítulo, será exposta a Teoria da Variação bem como os modelos quantitativos para a análise da regra variável a ser estudada. Em seguida, no quarto capítulo, retomaremos brevemente alguns estudos acerca da variação da vibrante. No quinto capítulo, apresentaremos, detalhadamente, a metodologia empregada no desenvolvimento do trabalho, com as variáveis linguísticas e sociais utilizadas na análise dos dados. No sexto capítulo, apresentaremos os resultados referentes a cada um dos bancos de dados, VARSUL e BDSer, através de uma análise em tempo aparente. Em seguida, comparamos os dados dos dois bancos realizando um estudo de tendência em tempo real e, por último, faremos um estudo de painel com os três informantes em comum nos dois bancos. No sétimo capítulo, virão nossas conclusões.

2 IMIGRAÇÃO ITALIANA

Conforme Battistel & Costa (1983), no início do século XIX o Brasil passava por uma grande crise econômica que se agravou por volta de 1820, quando houve a substituição do algodão brasileiro pelo norte-americano e o preço do açúcar foi reduzido. Percebeu-se, portanto, que o caminho para a abolição dos escravos, empregados nas lavouras de algodão e açúcar, era irreversível. Preventivamente, tentou-se substituir a mão-de-obra do negro escravo pelo mão-de-obra do europeu assalariado.

Inicialmente, a imigração europeia estava sendo vista como um impulso para um futuro diferente para o Brasil, em que haveria pequenos proprietários se dedicando a policultura, haveria o branqueamento da raça, entre outros benefícios para o país.

Essa necessidade de mão-de-obra no Brasil coincidiu com o auge da crise socioeconômica na Itália, o que ocasionou a emigração italiana.

Alguns enviados do governo brasileiro foram à Europa com o objetivo de atrair os imigrantes. As promessas eram muitas. Ofereciam aos candidatos viagem para as colônias, lote rural, assistência médica, sustento por um determinado período, auxílio financeiro, sementes, animais, liberdade religiosa e nacionalidade, disposições que foram cumpridas somente em parte.

Iludidos pela propaganda de um país promissor – *o país d'elá cucagna* (o país de grande fortuna), como era divulgado –, e na tentativa de fugir de uma das maiores crises da Itália, em que a pobreza era generalizada, uma grande leva de imigrantes, em sua maioria da região do Vêneto, no norte da Itália, partiu para o Brasil.

... a situação política, econômica e social da Itália era muito difícil. Muitas pessoas passando necessidades, doenças e epidemias devastavam a população e não existiam condições para que todos pudessem plantar e produzir para o seu sustento. (LUNARDI, 1999, p. 21)

A viagem da Itália para o Brasil era feita de navio e durava de trinta dias a três meses, com superlotação da embarcação e péssimas condições de alimentação e higiene. A primeira parada dos italianos ao chegarem ao Brasil era no Rio de Janeiro, Ilha das Flores, onde estava o centro de recepção e alojamento. Em seguida, partiam para outras localidades.

2.1 Imigração italiana no Rio Grande do Sul

Os imigrantes italianos prosseguiram, por mar, para o Rio Grande do Sul, com paradas em Santos, Paranaguá, Florianópolis, Rio Grande e, finalmente, Porto Alegre pelo curso do Rio Guaíba, onde eram recebidos no barracão dos imigrantes, lugar em que permaneciam até que fosse determinado seu destino nas colônias.

As terras mais planas a serem colonizadas no Rio Grande do Sul foram ocupadas pelos imigrantes alemães cinquenta anos antes da chegada dos italianos, sobrando, para esses, o noroeste do estado, com seus terrenos acidentados e cobertos de florestas selvagens e animais desconhecidos.

De Porto Alegre até a localidade onde hoje é a cidade de São Sebastião do Caí, a viagem era feita em embarcações de particulares pelo rio Caí. Após, seguiam a pé até o destino final, às vezes tendo que abrir estradas com facões nas florestas para abreviar as longas distâncias.

Comprova-se desse modo que as colônias ficavam localizadas em áreas distantes, em terrenos acidentados, em regiões praticamente virgens, longe dos rios navegáveis, distantes das ferrovias, isoladas dos grandes centros populares. (LUNARDI, 1999, p. 21.)

Cada colônia era dividida em léguas, as léguas em travessões e linhas que, por sua vez, formavam os lotes. Até que seus lotes fossem demarcados, os imigrantes ficavam alojados em barracões. Além do lote, pelo qual pagariam ao governo posteriormente, recebiam algumas ferramentas e sementes. Feitas as

demarcações, partiam para o lugar que lhes era destinado e começavam a reconstruir, no Rio Grande do Sul, parte da vida deixada na Itália.

Ao chegarem ao seu lote, iniciava-se o processo de abertura de clareiras nas matas e construção de uma casa provisória para abrigar a família nos primeiros tempos. As casas provisórias eram feitas de pau-a-pique e cobertas de galhos.

Segundo Bovo (2004), os imigrantes tentavam reproduzir, em terras gaúchas, parte do que haviam deixado na Itália. As práticas religiosas (católicas) contribuía para essa reprodução, além de unirem os imigrantes, advindos de diversas localidades com costumes e dialetos diferentes. Na época da imigração, os pequenos vilarejos eram constituídos a partir de uma capela. Após construírem suas habitações, reuniam algumas famílias para a construção da capela, que levava o nome do santo de maior devoção do grupo, e um salão social onde ocorriam as festas da comunidade.

Conde D`Eu (Garibaldi), Dona Isabel (Bento Gonçalves) e Caxias foram as três primeiras colônias italianas no Rio Grande do Sul. Em 1877, foi organizada uma quarta colônia, Silveira Martins, em terras próximas a Santa Maria, na região central do Estado.

Para o Brasil não vieram italianos e, sim, famílias italianas. Eram grupos solidários que estavam dispostos a desbravar as terras desconhecidas com muita esperança. Conforme De Boni e Costa (1979, p. 160):

A viagem de famílias italianas e não de indivíduos isolados ou descomprometidos fez com que ninguém viajasse como livre atirador ou aventureiro descomprometido, podendo construir-se, no modo de pensar religioso dos imigrantes, um atentado aos bons costumes. Dada a situação peculiar de viagens, com a permanência de trinta dias ou de até dois ou três meses no recesso de um navio, viajavam famílias já constituídas, com seus filhos ou dependentes, ou famílias de jovens, casados há pouco.

Em sua grande maioria, os imigrantes se dedicavam à agricultura. As esposas ajudavam os maridos na lavoura, além de fazerem os serviços domésticos: cozinhavam, lavavam, teciam, costuravam, fiavam e cuidavam dos filhos. As

mulheres tiveram um papel fundamental do desenvolvimento da região, embora vivessem em uma sociedade machista.

Conforme De Boni e Costa (1979), no início homens e mulheres ficavam na roça até o anoitecer, com o objetivo organizar as plantações o quanto antes. Normalmente, as mulheres retornavam para casa mais cedo, para o preparo da refeição, que costumava ser reforçada para repor as energias perdidas no trabalho.

De Boni e Costa (1979) dizem que:

Era um solo brasileiro e bravio que deveria sustentar colonos de alma e cultura italianas, aqui chegados, trazendo instrumentos de trabalho, sementes, padrões culturais, crenças e costumes próprios.

A brotação da parreira era festejada, assim como o florescimento da abóbora, pois representavam possibilidade de sobrevivência nas novas e desconhecidas terras.

Com o passar dos anos, o sistema de economia doméstica foi adquirindo maior autonomia, baseado nas capacidades familiares. Iniciou-se o processo de confecção de roupas em rocas e fusos a partir de fios de linho, a moagem de arroz e milho em pilões, a criação de animais e aves, a produção de queijo, salame e vinho, etc.

Hoje, a organização social dos descendentes dos imigrantes encontra-se bastante modificada, embora na zona rural ainda se possam observar muitos hábitos, costumes e construções das gerações anteriores, permitindo a preservação do patrimônio cultural dos municípios.

2.2 Imigrantes italianos em Flores da Cunha

Inicialmente, a cidade de Flores da Cunha era um distrito de Caxias.

Conforme dados obtidos no site do IBGE ⁴, em 1877, chegaram à região algumas famílias de imigrantes italianos. Entre elas podemos destacar: Soldatelli, Borghetti, Mambrini, Letti, Piardi, Grizza, Dall Conte, Carletti, Rossetto, Curra, Oldra e outras.

⁴ <http://www.ibge.gov.br/cidade/painel/painel.php?codmun=430820>. Acesso em 15/12/2011.

Segundo Lunardi (1999), com o passar dos anos, aumentou o número de moradores e o local ficou dividido em dois povoados, São José, localizado a um quilômetro de onde hoje é o município, e São Pedro, onde hoje é a atual sede da cidade de Flores da Cunha.

Depois de algum tempo, o povoado de São José foi extinto devido a questões políticas e a uma falta de água, passando a fazer parte do povoado de São Pedro.

Com o crescimento do povoado, percebeu-se a necessidade de um novo nome para ele. Em uma assembleia, apareceram algumas sugestões como: Nova Tirol, Nova Treviso, Nova Cremona, Nova Trento, etc., em homenagem às diferentes regiões de proveniência dos imigrantes. Cisto Rosseto, um colono culto e com forte influência no povoado, foi quem sugeriu o nome de Nova Trento. Como nada se decidiu na assembleia, os moradores levaram as sugestões para suas casas para pensarem mais sobre o assunto. Na manhã seguinte, apareceu, bem no alto de um pinheiro, uma tábua com o nome Nova Trento escrito a carvão. O nome foi aceito por todos e o povoado passou a ser chamado, então, de Nova Trento.

Para não magoar Cisto Rosseto, que exercia certa influência sobre os demais, e desejava este nome, ou pelo fato de que escalar o pinheiro fosse arriscado, o nome e a tabuleta permaneceram fixados no pinheiro. (VAILATI, 2006, p.66)

No ano de 1924, por um decreto estadual assinado por Borges de Medeiros e Protásio Alves, foi criado o município, que tinha por sede a vila Nova Trento. Em 1935, foi substituída a denominação Nova Trento por Flores da Cunha em homenagem ao ex-governador do estado, José Antônio Flores da Cunha, o qual havia prometido a construção de uma estrada férrea que ligaria o município ao restante do estado. Em 1939, a sede Flores da Cunha foi elevada à categoria de cidade.

A cidade de Flores da Cunha também é conhecida como a Terra do Galo. A denominação tem sua origem na apresentação de um mágico no antigo cinema da cidade por volta da década de 30. O mágico fez a promessa de cortar a cabeça de um galo e uni-la novamente ao corpo do animal com a ajuda de um pó encantado. O cinema estava lotado. O mágico solicitou a presença de duas pessoas ao palco para

ajudá-lo a segurar o galo. O prefeito da cidade e o delegado atenderam a seu pedido prontamente. Então a cabeça do tal galo foi cortada. A cabeça ficou na mão do prefeito e o corpo na mão do delegado. O mágico, com a desculpa de ir buscar o tal pó mágico, saiu do palco e fugiu com o dinheiro do público. (LUNARDI,1999).

Localizada a 20 quilômetros de Caxias do Sul, atualmente, a cidade de Flores da Cunha tem 27.126 habitantes⁵ e é conhecida por ser a maior produtora de vinhos do Brasil. Percebe-se, no município, um forte apelo pela preservação das tradições culturais, herdadas dos imigrantes italianos. Este apelo é percebido na gastronomia, na música, na religiosidade, nos usos e costumes, o que inclui o português falado na comunidade, com marcas do contato ainda existente com a fala dialetal italiana. Essa situação é similar a dos demais municípios hoje situados na antiga região colonial italiana do Rio Grande do Sul.

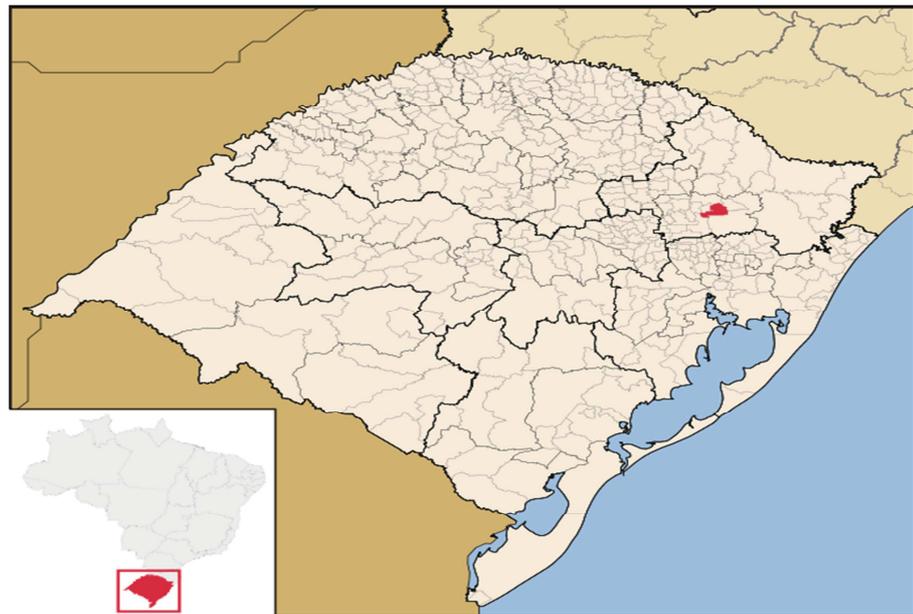


Figura 1 – Mapa do Rio Grande do Sul com a localização de Flores da Cunha⁶

⁵ Número de habitantes obtido no site do IBGE. Conforme o site, a contagem foi feita em 2010 (<http://www.ibge.gov.br/cidade/painel/painel.php?codmun=430820>), acesso em 15/12/2011

⁶ Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:RioGrandedoSul_Municip_FloresdaCunha.svg. Acesso em 16/02/2012.

2.3 Flores da Cunha: Anos 90 e anos 2000

Como mencionado anteriormente, as entrevistas que fornecerão dados a esta pesquisa fazem parte de dois bancos distintos, o VARSUL e o BDSer, e foram realizadas com intervalo de quase 20 anos, em 1990 e 2009, respectivamente. O que se passou na comunidade nesse período de tempo?

Nesse intervalo, muita coisa mudou no mundo, no Brasil, no Rio Grande do Sul e em Flores da Cunha. A década de 90 foi marcada pela globalização, mas com regionalização. Consolidou-se a ideia de mercados comuns, como o Europeu e o Mercosul. As democracias latino-americanas redobram fôlego e países como o Brasil abriram seus mercados ao exterior. Em Flores da Cunha, tanto a indústria moveleira quanto o setor da uva e do vinho ganharam incremento, o que garantiu estabilidade econômica e empregos à população. O setor turístico ganhou impulso.

Foi em meados dos anos 90 que o computador pessoal e a internet se popularizaram, colocando ao alcance de todos o poder de se comunicar com o mundo, ligando as pessoas a todos os povos, a diferentes culturas, as novas conquistas, etc. Esse avanço tecnológico fez com que o acesso à informação chegasse às pessoas com grande velocidade. A situação não foi diferente no Brasil e em Flores da Cunha.

Na fala de uma das informantes do VARSUL, temos o exemplo de uma maior dificuldade de estabelecer contato à distância nesta época. Segundo a informante, que estava organizando uma festa de família, os convites seriam enviados como cartas, pelo correio, bem como a confirmação de presença na festa. Contato até mesmo por telefone não era muito acessível naquele tempo.

Atualmente, com a rapidez da informação eletrônica e com a expansão das redes de relacionamento, é incessante a busca, principalmente dos jovens, em se aproximar e se enquadrar no que há de mais moderno no mundo. As comunidades correm o risco de esquecer e desvalorizar suas raízes culturais.

Segundo Battisti e Martins (2011), os jovens florenses se assemelham à maioria dos jovens brasileiros em todos os aspectos, exceto no localismo, que,

segundo as autoras, nesses jovens é peculiar. Esse localismo é instanciado em parte na vinculação das práticas dos jovens às tradições da imigração italiana, o que é reforçado pelas festas locais e pelo turismo que celebra e comercializa as raízes italianas.

As raízes italianas podem ser observadas no dialeto vênето, ainda falado em Flores da Cunha, nas festas realizadas no município – Festa Nacional da Vindima, festas em homenagem aos santos padroeiros das comunidades – e até mesmo na hora das refeições, onde se percebe a presença de alimentos típicos de origem italiana como: massas, polenta, galetto a menarosto, salame, sopa de agnoline, fortaia, pães caseiros, etc. Essas características, que remetem aos longínquos tempos da colonização, hoje atribuem ao município uma imagem acolhedora e familiar.

Os jovens de Flores da Cunha nos anos 90, sem muitas opções de lazer, se contentavam em frequentar reuniões dançantes no salão paroquial da igreja. Essas reuniões eram mensais, com início às 19 horas e encerramento à meia-noite. Esse contentamento se dava talvez pela falta de conhecimento e de contato com outras localidades. Atualmente, a cidade continua sem oferecer muitas opções de lazer aos jovens, razão que faz com que busquem divertimento em outras cidades, o que parece ser bem mais fácil hoje do que há 20 anos. Battisti e Martins (2011) afirmam que deslocar-se para outras localidades parece fazer parte de ser jovem em Flores da Cunha. Esse deslocamento se dá tanto em busca de divertimento como também para cursar faculdade, já que, no município, não há instituição de Ensino Superior. As autoras também comentam que esse deslocamento é feito em um roteiro de ida e volta, isto é, o jovem realiza práticas fora da comunidade, mas retorna a ela.

O maior contato com outras comunidades seja através da internet ou pelo deslocamento para se divertir ou estudar, coloca os jovens em contato com outros padrões de fala, o que, segundo Battisti e Martins (2011), pode fazer com que se sintam pressionados a evitar formas reveladoras de sua identidade local. Ou seja, na busca por sintonia com a fala do outro, os jovens podem abrir mão momentaneamente de marcas locais, evitando, por exemplo, o emprego de tepe em

lugar de vibrante, traço muito saliente a quem não é da comunidade e, em muitos casos, motivo de riso.

Nos anos 90, conforme censo de 1991, a população do município era de 19.869 habitantes. Atualmente, conforme censo de 2010⁷, o número de habitantes é de 27.126. Além do aumento significativo da população, também se percebe um crescimento na zona urbana da cidade. Na década de 90, os moradores da zona rural totalizavam 56%⁸, hoje em dia, esse percentual caiu para 23%⁹, ou seja, metade.

O fato de a zona urbana ter se tornado mais habitada do que a zona rural pode ser explicado pelo crescimento das atividades empresariais em Flores da Cunha. Essas provocaram o aumento da população por migração, para que se ocupassem os novos postos de trabalho. A economia, que há anos era fundamentada na agricultura, principalmente no cultivo da uva e seu processamento para a fabricação de vinho, atualmente divide espaço com a indústria de móveis, malhas e confecções.

Embora, nos dias de hoje, a cidade conte com uma economia mais variada, o cultivo da uva e a produção do vinho ainda é uma das principais fontes de renda do município e o caracteriza no imaginário popular, como se pode ver nas placas nas ruas da cidade, “Flores da Cunha, maior produtor de vinhos do país”:

⁷ Dados dos censos de 1991 e 2010 obtidos no site do IBGE: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=430820#>. Acesso em 10/01/2012.

⁸ Conforme o site: http://www.portalmunicipal.org.br/entidades/famurs/demografia/mu_dem_pop_rural.asp?ildEnt=5523&ildMun=100143155. Acesso em 09/02/2012.

⁹ Conforme o site: <http://www.explorevale.com.br/serrasgauchas/floresdacunha/index.htm>. Acesso em 09/02/2012.



Figura 2 – Placa indicativa de rua no centro de Flores da Cunha (28/10/11, acervo da autora)

O interessante da placa é que o patrocinador (Keko) produz complementos automotivos, é de Caxias do Sul e, tendo recebido incentivos fiscais, fechou três plantas em Caxias e abriu uma só, com 430 postos de trabalho, na zona rural de Flores da Cunha, em abril de 2011¹⁰. Não possui, portanto, ligação direta com os dizeres da placa, mas seu patrocínio e a presença na comunidade anunciam possíveis mudanças sociais futuras, numa história que não cessa de ser construída.

¹⁰ Fonte: jornal O Pioneiro, 8 e 9 de setembro de 2011.

3 TEORIA DA VARIAÇÃO

3.1 Um breve histórico

O fato de a variabilidade – maneiras diferentes de se dizer a mesma coisa – estar presente em todo e qualquer sistema linguístico provocou, por muitas décadas, busca por explicação.

Segundo Weinreich, Labov, Herzog (2006 [1968]), muito antes do século XIX, já se havia notado que as línguas mudam, mas foi neste século que os teóricos se esforçaram para mostrar que a coerência do comportamento linguístico podia ser derivada de princípios mais gerais, de preferência psicológicos. Foi Hermann Paul (1880) “que desenvolveu a idéia de que a língua do falante-ouvinte individual encerra a natureza estruturada da língua, a coerência do desempenho falado e a regularidade da mudança”. O uso individual do falante, Paul classifica-o como idioleto. Segundo Weinreich, Labov, Herzog (2006 [1968]), os princípios de Paul refletem as melhores realizações da linguística dos neogramáticos.

Conforme Weinreich, Labov, Herzog (2006 [1968]), Paul reconhece o ponto de vista dialetológico sobre a mudança linguística, o que fez com que ele tenha se tornado enormemente influente e sua obra tenha servido como texto básico para mais de uma geração de linguistas, embora acabasse também por servir como alvo para a oposição antineogramática.

Podemos citar estudos feitos por outros estudiosos da língua. Saussure (1916), por exemplo, diz que o objeto do estudo da linguística teria que ser a língua, formada como um sistema regido de leis próprias e homogêneas e propôs a homogeneidade como requisito básico para a descrição linguística, excluindo por completo da análise os elementos de ordem social. Comparando os estudos feitos por Paul e Saussure, podemos dizer que Paul não tinha predileção pelo atomismo na linguística, porém Saussure veio a enfatizar a realidade psicológica de relações contrastivas numa língua. Assim, para ser coerente, obrigou-se a relegar as correspondências históricas a outro domínio, o do psicologicamente irreal.

Weinreich, Labov, Herzog (2006 [1968]) destacam a conhecida antinomia de Saussure entre a realidade sincrônica, em que os elementos se relacionam sistematicamente, e a realidade diacrônica, em que os elementos se substituem sem formar

sistema entre si. Os autores consideram que Saussure não foi muito além de Paul quando tratou de mudança linguística, embora tenha tido um papel revolucionário.

Além dos trabalhos de Hermann Paul e Ferdinand Saussure, não podemos deixar de mencionar os estudos feitos na linguística descritiva norte-americana. Como exemplo, citamos Bloomfield que, tal como Paul, diz que a mudança é explicada como imitação, por parte do indivíduo, dos hábitos de fala de seus interlocutores. (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006 [1968], p.20).

Porém, segundo Faraco (1998), foi nos primeiros anos do século XX, com Meillet, que uma concepção mais sociológica do falante e da língua encontrou uma formulação mais consistente e sólida. Meillet percebeu que as condições sociais tinham influência decisiva sobre a língua e, como consequência, sobre a mudança. Foi Meillet que tentou formular uma orientação teórica para a linguística que fosse capaz de considerar a heterogeneidade existente na realidade sociocultural das línguas. No entanto, essa perspectiva apontava apenas na direção sociológica da história das línguas, na qual toda mudança linguística era, antes de tudo, uma mudança social em que as variações linguísticas não passavam de consequências históricas. Além disso, essa teoria ficou durante muito tempo à margem, pois os aspectos imanentistas já haviam se consolidado com o estruturalismo e se tornado hegemônicos.

O gerativismo, desenvolvido pelo linguista Noam Chomsky a partir dos anos 50, teve como objetivo o estudo da competência de um falante-ouvinte ideal, membro de uma comunidade linguística homogênea e possuidor de um conhecimento da língua. Essa concepção não abriu espaço a aspectos diacrônicos na análise linguística.

Levaram-se anos para que os linguistas passassem a abordar a heterogeneidade linguística presente na fala e, para tanto, dessem importância aos aspectos sociais das descrições das línguas. Na década de 60, Weinreich, Labov, Herzog propuseram-se a lançar as bases empíricas de uma teoria da mudança linguística capaz de superar os paradoxos que as teorias estruturais, fundadas no axioma da homogeneidade, haviam trazido para a linguística histórica. Seu posicionamento básico é ver a língua como um objeto constituído de heterogeneidade ordenada, tanto do ponto de vista sincrônico como diacrônico (WEINREICH, LABOV, HERZOG , 2006 [1968], p.16).

3.2 Objetivos e pressupostos do modelo

Com o passar dos anos, notou-se que os modelos baseados na sistematicidade e nos idioletos homogêneos não estavam oferecendo nenhum avanço aos estudos da variação e da mudança. Tampouco os achados da geografia linguística forneciam provas suficientes para a análise diacrônica, pois as isoglossas de cada palavra envolvida em uma mudança sonora não coincidiam, assim não demarcando a divisão de um território e, sim, fragmentos subdivididos. Percebeu-se, também, que a correlação negativa entre estruturalidade e comunicabilidade não passava de hipotética e incorreta.

Com a necessidade de um modelo que melhor explicasse a variação e a mudança linguística, foi no campo da fonologia que o modelo da Teoria da Variação teve sua manifestação consagrada com a pesquisa para dissertação de mestrado de William Labov em 1963, realizada na ilha de Martha's Vineyard, no estado de Massachusetts, EUA.

Orientado pelo professor Uriel Weinreich, Labov escolhe Martha's Vineyard como laboratório de sua investigação inicial dos padrões sociais da mudança linguística. Abaixo, temos a explicação por que tal região foi escolhida para a pesquisa de Labov:

Martha's Vineyard tem a vantagem de ser uma unidade independente, separada do continente por umas boas três milhas (cerca de cinco quilômetros) do Oceano Atlântico. Ao mesmo tempo, Vineyard é social e geograficamente complexa o bastante para oferecer amplo espaço à diferenciação do comportamento linguístico. Também temos a sorte de contar com os registros do *Linguistic Atlas of New England* (doravante abreviado LANE) como plano de fundo para a investigação. Já faz mais de trinta anos que Guy Lowman visitou Martha's Vineyard; suas entrevistas com quatro membros das velhas famílias da ilha nos dão uma base firme da qual partir e um lapso temporal de uma geração inteira, o que faz aumentar consideravelmente a solidez das conclusões que podem ser tiradas. (LABOV 2008 [1972], p. 22)

Em Martha's Vineyard, as observações de Labov foram significativas. O autor chegou à conclusão de que o papel dos fatores sociais era decisivo na explicação da variação linguística, isto é, da diversidade linguística observada. Nessa pesquisa, o autor relaciona fatores como idade, sexo, ocupação, origem étnica e atitude à pronúncia dos ditongos /ay/ em palavras como *right* ou *white*, e /aw/ em palavras como *house* ou *doubt*, do inglês. Labov observou que os habitantes da ilha se sentiam ofendidos com a invasão cultural e econômica trazida

pelos veranistas e exageravam ao pronunciar a vogal-núcleo para demarcar seu espaço e preservar sua identidade cultural, seu grupo social, sua comunidade.

Em 1964, Labov realiza estudos em Nova York, desta vez com o objetivo de descrever e interpretar o fenômeno linguístico no contexto social de comunidades urbanas. Para esta pesquisa, Labov foi a três lojas de Nova York com *status* socioeconômico superior, médio e inferior, e analisou a estratificação social do /r/, observando duas maneiras distintas de se pronunciar o fonema /r/ pós-vocálico, sendo essas duas formas a presença *versus* a ausência deste segmento fônico em final de sílaba (*fourrth floor*, quarto andar). Com essa pesquisa, o autor conclui que fatores sociais têm forte influência na variação linguística, pois os vendedores da loja com *status* mais alto apresentam valores mais altos de /r/; os da loja de *status* médio apresentam valores intermediários de /r/; e os da loja de *status* mais baixo apresentam os valores mais baixos. A forma prestigiada é, portanto, a presença do /r/.

Foi com os trabalhos do linguista William Labov que a análise dos fatores sociais que atuam na língua passou a ter êxito.

Os propósitos de descrever a heterogeneidade linguística e de encontrar um modelo capaz de dar conta da influência dos fatores sociais que atuam na língua somente passaram a ter êxito com os trabalhos de Labov, que logo se tornou o representante mais conhecido da chamada *teoria da variação linguística*. Isso porque, conforme assinala o próprio Labov (1972), na década de 60, era ainda muito remota a possibilidade de que os estudos linguísticos adotassem uma perspectiva socialmente realista, uma vez que a maioria dos pesquisadores se dedicava a contemplação dos seus próprios dialetos. (MONTEIRO 2000, p. 16)

Para Labov, teria necessariamente que ser de cunho social todo enfoque linguístico. Isso porque a natureza de tal fenômeno é a linguagem. Labov (2008[1972]) diz ter resistido por vários anos ao termo sociolinguística por esse termo indicar que possa existir uma teoria ou prática linguística bem-sucedida que não seja social.

Podemos, então, apontar como principais pressupostos do modelo da teoria da variação linguística (a) a correlação de padrões linguísticos complexos com diferenças na estrutura social, o que possibilita isolar fatores sociais que estão relacionados diretamente com a estrutura linguística; (b) a distribuição de variantes fonéticas em várias regiões, faixa

etária, grupos ocupacionais, étnicos, que oportuniza a reconstrução da história desta mudança sonora.

Labov (2008 [1972]) diz que a mudança linguística parece envolver três problemas distintos, sendo eles: a origem das variações linguísticas; a difusão e propagação da mudança; e a regularidade da mudança. O autor segue dizendo que as variações podem ser induzidas por processos de assimilação, dissimilação, analogia, empréstimo, fusão, contaminação, variação aleatória ou quaisquer outros em que as características fisiológicas ou psicológicas do indivíduo interajam com o sistema linguístico.

3.3 Conceitos básicos

A Teoria da Variação tem como objeto de estudo a língua falada em situações reais de uso e preocupa-se fundamentalmente em descrever o sistema de uma língua, além de procurar entender o seu funcionamento, localizando esse estudo em uma comunidade de fala ou em mais de uma.

De acordo com Labov (1994), “a linguagem é concebida como um instrumento de comunicação empregado por uma comunidade de fala, um sistema comumente aceito de associações entre formas arbitrárias e seus significados”. A linguagem não é entendida como uma propriedade do indivíduo, mas da comunidade.

Entende-se por comunidade de fala ou comunidade linguística um grupo de pessoas que interagem verbalmente, compartilhando um conjunto de normas com respeito aos usos linguísticos e que distinguem seu grupo de outros, orientando seu comportamento verbal por um mesmo conjunto de regras.

Ao se estudarem comunidades linguísticas, será possível constatar a existência de diversidade ou variação. Em qualquer comunidade de fala existem maneiras diferentes de falar, nelas as formas linguísticas em variação podem ser relativamente frequentes. A esses diferentes modos de falar, a sociolinguística chama de *variedades linguísticas*.

De acordo com Naro (1992), o pressuposto básico do estudo da variação é que ela não é aleatória, por isso é papel do sociolinguista descrever e analisar com detalhes as variantes concorrentes e levantar os contextos favorecedores de uma ou outra variante, além de prever o seu comportamento sistemático e regular.

Segundo Brescancini (2002), as escolhas entre dois ou mais sons, palavras ou estruturas não ocorre simplesmente por opção do falante, mas por obediência a um padrão sistemático regulado por regras especiais chamadas de *regras variáveis*, que têm a função de expressar a covariação entre elementos do ambiente linguístico e do contexto social.

A língua pode apresentar formas alternativas para comunicar uma mesma informação. Essas formas são chamadas de *variantes*. Mollica (2004) diferencia *variantes* e *variáveis*. Para a autora, variantes são as diversas formas alternativas que configuram um fenômeno variável, tecnicamente chamado de variável dependente.

Tarallo (2002) afirma que as variantes encontram-se sempre em relação de concorrência: variante padrão vs. não padrão; conservadora vs. inovadora; de prestígio vs. estigmatizada. Segundo o autor, a variante considerada padrão é, ao mesmo tempo, conservadora e aquela que goza do prestígio sociolinguístico na comunidade. Já as variantes inovadoras são quase sempre não padrão e, por isso, podem ser estigmatizadas pelos membros da comunidade.

A língua pode, portanto, ser um fator muito importante na identificação de grupos, em sua configuração, assim como uma possível maneira de demarcar diferenças sociais no seio da comunidade.

3.4 Mudança linguística

Para Naro (2004), as línguas mudam com o tempo e é possível notar essa mudança em todos os níveis, desde a semântica até a sintaxe. Naro também relata que a mudança se dá em longo prazo, não se processa de maneira instantânea, do dia para noite, além de normalmente se processar de maneira gradual em várias dimensões. Em se tratando do eixo social, os falantes mais velhos, pessoas mais escolarizadas, pessoas com maior prestígio social, ou ainda

peessoas que exercem atividades socioeconômicas que exigem boa apresentação ao público tendem a preservar mais as formas mais antigas.

Para Weinreich, Labov, Herzog (2006 [1968]), *a mudança se dá (1) à medida que um falante aprende uma forma alternativa, (2) durante o tempo em que as duas formas existem em contato dentro de sua competência, e (3) quando uma das formas se torna obsoleta*. Portanto, esse processo de mudança não ocorre de um sistema inteiro para outro, mas ocorre através de um conjunto limitado de variáveis que alteram os seus valores gradualmente.

Os autores acima mencionados apresentam alguns achados empíricos que têm importância para a teoria da mudança linguística e algumas conclusões extraídas destes achados, como as cinco que a teoria tem que dar conta:

Fatores condicionantes: os fatores gerais efetivos para a mudança, capazes de determinar e distinguir mudanças do sistema possíveis de impossíveis, ao mesmo tempo apontando direções da mudança.

Encaixamento: o modo como uma determinada mudança linguística está encaixada na estrutura interna da língua e no sistema de relações sociais e linguísticas.

Avaliação: a forma como a mudança é avaliada e como esta avaliação pode afetar a mudança.

Transição: o modo como a língua muda e quais caminhos segue para mudar.

Implementação: o número de fatores que influenciam a mudança, a razão de a mudança ter acontecido em determinado tempo e lugar.

Além dos problemas a serem tratados, Weinreich, Labov, Herzog (2006 [1968]) apresentam sete princípios básicos para a teoria da variação e mudança linguística: 1) a mudança linguística acontece quando um determinado subgrupo de uma comunidade generaliza uma dada alternância, que passa a assumir caráter de uma diferenciação ordenada; 2) não existe relação entre estrutura e homogeneidade; 3) toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade; 4) a generalização da mudança linguística através da estrutura linguística não é uniforme nem instantânea; 5) é nas gramáticas da comunidade de fala que ocorre a mudança; 6) a mudança linguística se transmite dentro da comunidade como um todo e 7) os

fatores linguísticos e sociais estão relacionados no desenvolvimento da mudança linguística.

Nessa seção, foram apresentadas as propostas do modelo da Teoria da Variação. Procurou-se relacionar variação e mudança, os problemas fundamentais em seu estudo, além dos princípios básicos da Teoria da Variação Linguística. A seguir, vão se abordar duas estratégias adotadas pelos variacionistas para dar conta da mudança no estudo da variação, já referidas na Introdução deste trabalho.

3.5 Estratégias de análise em tempo aparente e tempo real

Labov utiliza duas diferentes maneiras de análise da mudança no estudo da variação, a análise em tempo aparente e em tempo real.

Em relação ao estudo em *tempo aparente*, Labov afirma que:

The first and most straightforward approach to studying linguistic change in progress is to trace it in apparent time: that is, the distribution of linguistic variables across age levels. If we discover a monotonic relationship between age and linguistic variable, or a significant correlation between the two, then the issue is to decide whether we are dealing with a true change in progress or with age-grading (Hockett, 1950), a regular change of linguistic behavior with age that repeats in each generation. (LABOV, 1994, p. 45 – 46) ¹¹

Os estudos da distribuição linguística em tempo aparente têm a finalidade de observar a mudança linguística através da análise das faixas etárias dos falantes de uma comunidade, comparando o comportamento linguístico dos mais jovens e dos mais velhos. Os dados dos mais velhos normalmente são representados por uma curva em queda em relação aos dados dos mais jovens quando se trata da variação na mudança em progresso, pelo incremento do uso de formas inovadoras pelos mais jovens.

¹¹ A primeira e mais direta abordagem para estudar a variação linguística em progresso é rastreá-la em tempo aparente: isto é, a distribuição das variáveis linguísticas por meio de níveis de idade. Se nós descobrimos uma relação monotônica entre idade e variável linguística, ou uma correlação significativa entre os dois, então a questão é decidir se nós estamos lidando com uma mudança em progresso verdadeira ou com gradação etária (Hockett, 1950), uma mudança regular do comportamento linguístico com a idade que se repete em cada geração.

O fator Faixa Etária é importante para a análise em tempo aparente, mas não é o único que pode ser considerado significativo. Fatores como Sexo e Classe Social também têm sido relevantes para este tipo de análise.

O estudo em tempo real é aquele que analisa um processo em dois momentos no tempo, ou seja, compara resultados de um processo de variação descrito através de dados coletados em diferentes períodos. Para a validade científica de um estudo em tempo real, a coleta de dados deve ser realizada com métodos semelhantes aos utilizados para a pesquisa em tempo aparente. O tipo de entrevista, a sua duração, a comunidade, o perfil e o número de falantes devem ser os mesmos. A comparação do padrão de variação nas duas amostras pode revelar que há uma mudança em progresso ou que há uma variação estável naquela comunidade.

Ainda na perspectiva de análise em tempo real, Labov faz a distinção entre duas maneiras de coletar os dados: *Estudos de Painel* que, além de realizarem nova coleta na mesma comunidade linguística, buscam exatamente os mesmos informantes da pesquisa anterior, e *Estudos de Tendência*, que é a constituição de uma amostra nova, mas com as mesmas características da de um estudo já realizado.

Labov (1994) revela que a combinação de observações em *tempo aparente* e *tempo real* é o método ideal para o estudo de uma mudança em progresso. Mas quando os dados em *tempo real* não estão disponíveis, o estudo detalhado e profundo em *tempo aparente* cumprirá o objetivo.

Parece-nos que a maior contribuição de Labov para os estudos linguísticos foi justamente o conceito de *tempo aparente*, que permitiu a verificação de questões de diacronia da língua através de um estudo sincrônico.

4 VARIAÇÃO DA VIBRANTE

A vibrante (múltipla ou forte) apresenta diferentes realizações nos dialetos do Português Brasileiro (PB). Muitos estudos têm sido feitos na tentativa tanto de descrevê-las, bem como no intuito de discutir sua representação e seu *status* no sistema da língua. Alguns autores defendem que o português possui duas vibrantes, uma forte e outra fraca (tepe), enquanto outros autores defendem que existe apenas um fonema vibrante na língua. É o que abordaremos com mais detalhes no presente capítulo.

4.1 A vibrante na fonologia do português

Há controvérsia quanto ao *status* fonológico da consoante vibrante no português. Enquanto alguns autores defendem a existência de dois fonemas distintos – a vibrante múltipla e o tepe –, outros dizem existir apenas um fonema na estrutura profunda, que se manifesta na fala de duas formas. Revisaremos apenas Câmara Jr (2000 [1970]) e Monaretto, Quednau e Hora (2005) para ilustrar esse debate.

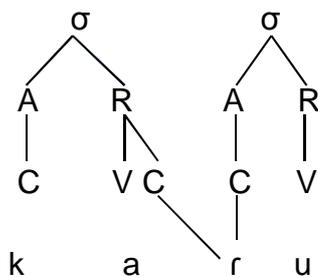
Câmara Jr (2000 [1970]), seguindo princípios da fonologia estruturalista, aborda o elenco de fonemas consonantais do português. Para tanto, examina a posição de início de sílaba. Segundo o autor, o /r/ brando e o /r/ forte fazem parte desse elenco.

O autor afirma que, na fonologia, o sistema invariante se desdobra em alofones, ou seja, o /r/ de *ferro* possui diversos alofones, podendo esses ser uma vibração prolongada da ponta da língua junto aos dentes superiores (r múltiplo), ou uma vibração da língua junto ao véu palatino (r velar), ou uma vibração da úvula, na parte externa do véu palatino (r uvular) ou uma forma de fricção da faringe (r fricativo não lingual, foneticamente semelhante ao /h/ aspirado inglês, onde simplesmente não há na faringe nenhuma fricção).

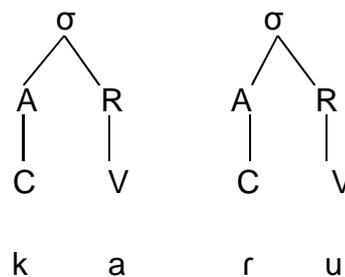
Câmara Jr (2000 [1970]) diz que a diferença entre fonema e alofone é a capacidade que o fonema tem de distinguir as formas da língua. Para o autor, o /r/ forte é um fonema oposto ao /r/ brando em posição intervocálica porque, com ele, se distingue: *erra* de *era*, *carro* de *caro*, entre outros.

Monaretto, Quednau e Hora (2005) seguem os princípios da fonologia autossegmental para explicar a existência somente do fonema vibrante brando (tepe) na estrutura da língua portuguesa. Conforme os autores, na teoria autossegmental os segmentos são definidos em nós de raiz em uma estrutura ramificada de traços fonológicos hierarquizados. É somente em posição intervocálica que o tepe contrasta com uma vibrante forte, acarretando mudança de significado. Citando Monaretto (1992,1997), afirmam que “há um único fonema *r* e que a vibrante múltipla intervocálica funciona como uma geminada heterossilábica”. Assim, na palavra *caro*, o fonema da subjacência se superficializa, já na palavra *carro*, há duas vibrantes fracas, uma em posição de final de sílaba, outra em posição inicial, formando, juntas, uma vibrante forte. Como mostra o esquema apresentado pelos autores:

a) Carro = kar + ru



b) caro = ka + ru



Em (a), os dois *r* fracos são reunidos em um só no nível melódico em virtude do OCP¹² (princípio da fonologia autossegmental que proíbe segmentos adjacentes idênticos nesse nível), mas duas posições temporais são ocupadas. É o que caracteriza uma geminação.

Monaretto, Quednau e Hora (2005) concluem que, conforme essa análise, a vibrante é representada na estrutura subjacente apenas por uma unidade fonológica, o *r* fraco, o qual o sistema interpreta como *r* forte se tiver duas linhas de

¹² OCP = Obligatory Contour Principle (Princípio do Contorno Obrigatório). Ver Bisol (2005) a respeito.

associação, e como *r* fraco, se tiver uma. Conforme os autores, em início de palavra, por uma regra particular, ele se converte em *r* forte.

4.2 Análises de regra variável

A vibrante no português do Brasil já foi alvo de estudo de alguns autores, como Monaretto (1992), e a variação abordada no presente trabalho – o emprego de *tepe* em lugar da vibrante múltipla (*cachoro, aroz*) – recebeu a atenção de Bovo (2004), Rossi (2000), Spessatto (2001), Battisti e Martins (2011). Com exceção de Bovo (2004) e de Battisti e Martins (2011), o corpus utilizado no desenvolvimento dos demais trabalhos foi o do projeto VARSUL.

Em sua dissertação de mestrado, Monaretto (1992) faz um estudo sobre a vibrante no português falado no Brasil com atenção voltada para seu *status* fonológico. Realizou uma análise de dados de fala, a partir de que discutiu a articulação desse segmento na zona anterior ou na posição posterior da boca em quatro regiões sociolinguísticas do Rio Grande do Sul, seguindo os passos da teoria da variação, sob a perspectiva laboviana, e da análise da fonologia não-linear.

Conforme Monaretto (1992) há duas grandes formas de pronunciar a vibrante intervocálica no Brasil: guturalmente, ou de modo linguodental. A maioria dos falantes faz a primeira pronúncia, mais ou menos à moda carioca, com exceção da Região Sul, onde se usa o /r/ linguodental lusitano, talvez pela influência alemã e italiana.

Monaretto (1992) também argumenta que, quanto à pronúncia no Rio Grande do Sul, observa-se que o estado possui variantes de fala de acordo com a interferência de uma segunda língua. As regiões de colonização alemã, italiana e a região da fronteira possuem características conservadoras do dialeto da região conforme o grupo étnico. A presença de vibrantes simples em vez de múltipla caracteriza o dialeto italiano; a presença da vibrante múltipla em vez da simples marcaria o português da zona alemã; a existência de vibrante alveolar no português fronteiro marcaria a influência principalmente do espanhol.

Ao apresentar os resultados obtidos através de análise estatística para a variável extralinguística Grupo Étnico, Monaretto (1992) conclui que, entre os bilíngues, a vibrante anterior (linguodental) tem muito prestígio, especialmente entre os italianos, devido à natureza das línguas e dialetos de origem.

Rossi (2000), ao estudar a variação da vibrante múltipla no interior da palavra lexical com base em dados do VARSUL, analisa a fala de descendentes italianos residentes em Chapecó (SC) e em Flores da Cunha (RS). Sua variável dependente (aplicação da regra) é a realização de vibrante múltipla. Conforme a autora, o programa de análise estatística VARBRUL¹³ seleciona como relevantes à aplicação da regra cinco dos nove grupos de fatores analisados. Por ordem de relevância, as variáveis sociais mais significativas à realização da vibrante múltipla em Chapecó (SC) são: Escolaridade, Idade e Sexo. E em Flores da Cunha (RS), Sexo, Escolaridade e Idade. Mesmo as três variáveis sociais tendo sido selecionadas como relevantes para ambas as comunidades, observaram-se diferenças na ordem de seleção estatística de cada variável e a influência diferenciada da idade sobre a realização da vibrante múltipla ([r]): em Chapecó, os mais velhos inibem a aplicação da regra, já em Flores da Cunha esta mesma faixa etária favorece a realização da vibrante múltipla.

Rossi (2000) também afirma que os resultados quanto à escolaridade confirmam a hipótese de que, quanto maior o grau de estudo, maior seria o uso da forma linguística padrão. Conforme a autora, houve surpresa no que diz respeito à variável Idade na cidade de Flores da Cunha. Os informantes com mais de 50 anos condicionam a realização da vibrante, onde se esperava o contrário, que os informantes com menos de 50 anos fossem os favorecedores. A variável Sexo também surpreendeu ao se mostrar relevante à realização da vibrante múltipla, já que o esperado era que ambos os sexos realizassem mais a vibrante simples.

No estudo de Rossi (2000), a única variável linguística selecionada como relevante pelo programa foi a variável número de sílaba, apontando que quanto

¹³ VARBRUL (do inglês *Variable Rule*, regra variável) é um pacote de programas computacionais de análise estatística, que realiza análise logística de regressão, e que é comumente empregado pelos sociolinguistas variacionistas na etapa quantitativa de seus estudos de processos variáveis. A esse respeito, ver capítulo 5 (Metodologia) do presente trabalho.

maior for o número de sílabas de uma palavra lexical, maior parece ser a ocorrência de [r].

Bovo (2004) estuda a variação da vibrante em início de sílaba em dados do BDSer de Caxias do Sul (RS), zona rural, comunidade habitada por descendentes de italianos. Sua variável dependente (aplicação da regra) é a realização de tepe em lugar de vibrante múltipla. Procede tanto à análise de regra variável (quantitativa) quanto à análise de práticas sociais (ECKERT, 2000). Em se tratando das variáveis sociolinguísticas, condicionam a aplicação da regra a escolaridade, o grau de bilinguismo, a idade e o gênero do informante: são os falantes de Ensino Fundamental, bilíngues, de 50 ou mais anos e de gênero masculino os que tendem a realizar tepe em lugar de vibrante. Já no que se refere aos grupos de fatores linguísticos, a regra tende a ser aplicada em sílabas mediais, tônicas e vocábulos trissílabos.

A variação da vibrante, segundo Bovo (2004), é uma das características da fala em língua portuguesa mais reveladora do contato português italiano. A autora conclui que é identidade o que está em jogo na preservação do dialeto italiano e na produção da alternante tepe na fala em língua portuguesa. Se o uso dessa variante um dia deixar de existir na comunidade estudada, os resultados de seu estudo apontam para um declínio lento, dependente de uma gradual orientação à zona urbana, a que as mulheres têm mais motivação sócio-histórica e cultural que os homens para aderir.

Quem também realiza estudo sobre a variação da vibrante é Spessatto (2001). Spessatto estuda a comunidade de descendentes de italianos de Chapecó (SC). A partir de levantamento histórico, a autora apresenta os fatores que interferiram na formação da comunidade em estudo e analisa os traços linguísticos que marcam tal grupo. Spessatto (2001) argumenta que, assim como os demais imigrantes estrangeiros que viviam no Brasil na década de 1930, os italianos de Chapecó também enfrentaram a Campanha de Nacionalização, que punia rigorosamente os falantes de outras línguas que não o português. Assim, sob imposição governamental, os descendentes de italianos, mesmo com muitas dificuldades, tiveram que assimilar a língua portuguesa de forma abrupta, embora os dialetos não tenham sido abandonados completamente de imediato. Desse contato,

algumas especificidades fonológicas se originaram na fala em língua portuguesa, denominadas pela autora de interferências. Uma delas diz respeito à vibrante.

Com a análise quantitativa dos dados, Spessatto (2001) verificou que a variável mais significativa na realização de tepe ou vibrante múltipla foi Escolaridade: os informantes de escolaridade primária são os que tendem a produzir tepe em lugar de vibrante, bem como os bilíngues e os de maior idade. A variável linguística mais relevante é Posição na Palavra, sendo a medial a que condiciona o uso de tepe. A variável Sexo tem papel – o masculino favorece a realização de tepe –, mas foi a última selecionada pelo programa. Ao analisar os dados em sua pesquisa, Spessatto percebeu uma alta incidência de tepe (46%) em contextos de vibrante múltipla. A partir dessa e de outras características, conclui que há na comunidade o indicativo de formação de um dialeto local de língua portuguesa.

Battisti e Martins (2011) estudam as mudanças sociais e linguísticas em Flores da Cunha (RS) mediante análise da realização variável de vibrante simples em lugar de múltipla no português falado na comunidade, tanto em posição intervocálica (*murro*) quanto em início de palavra (*rua*). Conforme as autoras, para a análise da regra variável foram utilizadas trinta e duas entrevistas sociolinguísticas do BDSer de Flores da Cunha em que os informantes são dos dois gêneros, da zona urbana e rural e pertencentes a quatro faixas etárias: 18 a 30 anos de idade; 31 a 50 anos; 51 a 70 anos e 71 ou mais anos. Estas, portanto, configuram as três variáveis extralinguísticas controladas por Battisti e Martins (2011): Gênero (masculino e feminino), Local de Residência (Zona Rural e Zona Urbana) e Idade. As variáveis linguísticas controladas pelas autoras foram: Posição da Sílabas na Palavra, Número de Sílabas e Tonicidade da Sílabas.

Segundo Battisti e Martins (2011) a ordem de seleção estabelecida pelo pacote de programas VARBRUL foi: Local de Residência; Idade, Gênero e Posição da Sílabas na Palavra. Para a variável Local de Residência, as autoras constataram que a Zona Rural favorece a aplicação da regra. Uma das razões deste comportamento pode estar no fato de, na zona rural, a fala bilíngue português-dialeto italiano continuar sendo prática social corrente nas conversas entre familiares, vizinhos e amigos. Quanto à variável Idade, as autoras constataram que os fatores 51 a 70 anos e 71 anos ou mais favorecem a aplicação da regra.

Conforme as autoras, essa é uma clara indicação da tendência de regressão do processo na comunidade de Flores da Cunha. Em relação ao gênero, Battisti e Martins (2011) encontram valores para os pesos relativos em torno do ponto neutro, o que dificulta a atribuição de um papel claro para um ou outro gênero. Mas o fato de os homens terem uma maior proporção de aplicação da regra sugere que o uso do tepe em lugar da vibrante possa estar mais ligado à identidade masculina.

A única variável linguística selecionada pelo programa VARBRUL no estudo de Battisti e Martins (2011) foi Posição da Sílabla na Palavra. Embora os fatores tenham resultados em torno do ponto neutro, o fator Medial é o único com valor acima de 0.50, o que as leva à conclusão de que as bordas da palavra não favorecem a aplicação da regra variável em estudo.

Os resultados encontrados por Battisti e Martins (2011) mostram que o emprego de vibrante simples em lugar de múltipla em Flores da Cunha é condicionado predominantemente por variáveis sociais, confirmando o que Rossi (2000), Spessatto (2003) e Bovo (2004) verificam em Chapecó, Flores da Cunha e Caxias do Sul. Battisti e Martins (2011) concluem que o emprego da vibrante simples em lugar de múltipla está em regressão no português falado em Flores da Cunha e que a realização da vibrante simples é condicionada por habitantes da zona rural, idosos e do gênero masculino, como também pela posição medial de palavra.

Com base nestas e em outras pesquisas é que se fundamentará nosso estudo, com a expectativa de que nossos resultados venham também oferecer contribuição para os estudos, os quais que se referem ao português falado no Brasil.

5 METODOLOGIA

Para alcançarmos os objetivos anteriormente listados, o método utilizado nesta pesquisa é o da Teoria da Variação, proposta por William Labov (1966).

A amostra que será utilizada para verificar o *status* da variação da vibrante em *onset* silábico faz parte dos dados coletados pelos projetos VARSUL e BDSer. O VARSUL, Variação Linguística Urbana na Região Sul do Brasil, foi implementado em 1984 pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade Federal do Paraná (UFPR). A Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) aderiu posteriormente (1990) ao projeto. O ano de implementação do BDSer, Banco de Dados de Fala da Serra Gaúcha, pela Universidade de Caxias do Sul (UCS) é 2000.

O banco de dados VARSUL é composto por 288 entrevistas que representam a fala de quatro cidades de cada um dos três Estados da Região Sul do Brasil. Foram realizadas 96 entrevistas em cada estado, isto é, 24 em cada cidade.

Segundo Monaretto (1997) as cidades escolhidas como mais significativas pelo Projeto VARSUL na Região Sul foram: No Estado do Paraná: Curitiba (capital), Londrina (cidade mais importante da região norte do estado, com colonização mineira e paulista), Pato Branco (principal cidade da região sudeste, com colonização gaúcha) e Irati (núcleo urbano, localizado na região de colonização eslava); no Estado de Santa Catarina: Florianópolis (capital), Lages (colonizada por gaúchos no Planalto Serrano), Blumenau (centro urbano mais expressivo da colonização alemã), Chapecó (cidade de colonização italiana); no Estado do Rio Grande do Sul: Porto Alegre (capital), Flores da Cunha (com etnia italiana), Panambi (com etnia alemã), São Borja (área fronteira com espanhol).

O banco de dados BDSer, constituído pela UCS, reúne dados de quatro municípios ítalo-brasileiros situados na antiga região colonial do Rio Grande do Sul, situada na Serra Gaúcha: Antônio Prado, Caxias do Sul, Flores da Cunha e São Marcos. Conforme Battisti e Lembi (2004), a amostra distingue informantes da zona rural e urbana e viabiliza o estudo de fenômenos relativos a línguas em contato em

comunidades bilíngues. Compõem o acervo do BDSer 225 entrevistas sociolinguísticas, 57 de Caxias do Sul, 56 de cada um dos outros três municípios.

As entrevistas de ambos os bancos de dados são semiestruturadas: seguem um roteiro de questões sobre o cotidiano, voltadas a provocar, nos informantes, falas o mais espontâneas possível, num uso linguístico que se pode considerar coloquial. As entrevistas têm duração de 45 a 60 minutos.

Os informantes são selecionados aleatoriamente, e compõem amostras estratificadas. No VARSUL, os estratos são formados respeitando-se idade (menos de 50 anos, mais de 50 anos), escolaridade (nível fundamental I - de 1 a 4 anos de escolaridade, nível fundamental II - de 5 a 8 anos de escolaridade e nível médio - de 9 a 11 anos de escolaridade) e sexo (masculino e feminino). No BDSer, os estratos obedecem à idade (18 a 30 anos; 31 a 50 anos; 51 a 70 anos e 71 ou mais anos), gênero (masculino e feminino), local de residência (Zona Rural e Zona Urbana) e escolaridade (Primário, Fundamental, Médio e Superior).

Para o presente estudo na comunidade bilíngue de Flores da Cunha, utilizaram-se, de cada banco, entrevistas de 20 informantes, totalizando 40 informantes. A distribuição foi a seguinte:

Quadro 1 - Distribuição dos informantes VARSUL

25 a 39 anos	40 a 59 anos	60 ou mais anos
8 informantes (4 de cada sexo)	8 informantes (4 de cada sexo)	4 informantes (2 de cada sexo)

Quadro 2 - Distribuição dos informantes do BDSer

25 a 39 anos	40 a 59 anos	60 ou mais anos
8 informantes (4 de cada gênero)	8 informantes (4 de cada gênero)	4 informantes (2 de cada de cada gênero)

Percebe-se, nessa distribuição, que as faixas etárias dos informantes não correspondem exatamente à estratificação de cada um dos bancos considerados. Buscou-se homogeneizar as idades para fins de nosso estudo, o que exigiu recorrer

às informações pontuais registradas nas Fichas Sociais dos informantes para desenhar os grupos etários.

Essa distribuição trata equilibradamente de sexo/gênero¹⁴, e, na medida do possível, de escolaridade: do BDSer, são sete informantes de Ensino Fundamental – 4 anos, cinco informantes de Ensino Fundamental – 8 anos, e oito informantes de Ensino Médio. Do VARSUL, são quatorze informantes de Ensino Fundamental – 4 anos, um informante de Ensino Fundamental – 8 anos, e cinco informantes de Ensino Médio. Esses níveis de escolaridade, como se verá a seguir, foram controlados na análise quantitativa.

5.1 Método de análise dos dados

De acordo com Brescancini (2002), para configurar uma análise de regra variável, o pesquisador deve vencer seis etapas:

1) Definir a Variável dependente, ou seja, delimitar precisamente o fenômeno linguístico variável, fazendo o levantamento de todo o conjunto de variantes que possa ser apresentado. Uma variável dependente pode ser binária (com duas variantes) ou eneária (com três ou mais variantes).

2) Definir as variáveis independentes, isto é, formular hipóteses iniciais quanto ao tipo de condicionamento que se espera encontrar.

3) Delimitar a amostra e obter os dados, ou seja, selecionar os indivíduos com base em possíveis dimensões sociais da variação em estudo, ou seja, compor a amostra. Para tanto, devem-se obedecer aos seguintes requisitos: o número de falantes deve estar relacionado ao fenômeno estudado, e sua seleção pode se dar pelo método aleatório estratificado, na qual há a divisão da comunidade em células formadas a partir de indivíduos com as mesmas características sociais.

A coleta dos dados pode ser feita por interações livres, entrevistas e testes. É necessário estabelecer contato com o entrevistado, de que se obtêm informações registradas numa ficha social. Nela constam, geralmente, a idade, o grau de instrução, a classe social, entre outras informações pertinentes. Daí agenda-

¹⁴ Mateve-se a denominação de cada banco, sexo no VARSUL, gênero no BDSer.

se a entrevista, realizada em ambientes familiares ao entrevistado – local de trabalho, casa, vizinhança.

4) Transcrever e codificar os dados, ou seja, fazer o planejamento do sistema de codificação de cada variável, sendo ela dependente ou independente. Para fazer a transcrição dos dados, deve-se definir o sistema de convenções que será adotado, conforme os objetivos e finalidades da pesquisa. Também se faz necessário delimitar os aspectos que serão sempre e sistematicamente registrados e quais serão ignorados.

5) Quantificar os dados é medir o papel de fatores linguísticos e sociais no condicionamento da variável dependente. Essa medição deve contar com o estabelecimento de um índice quantitativo, ou seja, atribuir um valor numérico a cada um dos fatores estabelecidos na pesquisa. O pacote de programas VARBRUL realiza a quantificação estatística dos dados.

O pacote de programas VARBRUL, conforme Brescancini (2000), tem a função de “tomar um conjunto de dados linguísticos e organizá-lo, de acordo com a variável dependente, em ambientes possíveis do ponto de vista linguístico e extralinguístico”. Segundo a autora, depois de estabelecidos tais contextos, o programa realiza um algoritmo que é capaz de oferecer informações estatísticas para cada fator condicionador da regra variável. Essas informações estatísticas são dadas na forma de percentuais e pesos relativos.

Segundo Brescancini (2000), os programas que compõem o pacote de programas VARBRUL podem ser divididos em três grupos: os que preparam os dados para a performance do algoritmo (CHECKTOK, READTOK, MAKE3000); o que realiza o algoritmo (VARB2000) e os que efetuam tarefas de apoio (TSORT, TEXTSORT e CROSS3000).

Para a presente pesquisa, foi utilizada a versão Goldvarb X desse pacote de programas, específica para ambiente Windows. Com ela, procedeu-se ao que os programas CHECKTOK, READTOK, MAKE3000 e VARB2000 fazem: verificar erros de digitação, a serem corrigidos antes de rodar os dados; produzir os arquivos de ocorrências e de células a serem consideradas na análise; proceder à análise logística de regressão.

6) Interpretar os resultados é o estágio mais importante da análise, significa compreender e analisar os resultados numéricos oferecidos pelo programa.

Vencendo essas seis etapas, o pesquisador será capaz de confirmar ou não as hipóteses por ele inicialmente formuladas em relação à regra variável. Poderá observar quais são os grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos que colaboram para a ocorrência do fenômeno linguístico variável.

5.2 A presente pesquisa

Conforme as etapas descritas na seção anterior, inicialmente foram ouvidas as entrevistas selecionadas dos dois bancos de dados, VARSUL e BDSer, e listadas as palavras em que a consoante vibrante se fez presente. Em seguida, iniciou-se o processo de análise e codificação dos dados. No caso desta pesquisa, a variável dependente é a realização de tepe /r/ nos contextos em que se espera a vibrante múltipla /r/ na fala em língua portuguesa, especificamente em *onset* silábico, isto é, no início da sílaba, tanto em posição inicial (roça, receita), quanto no interior (morro, enrolava) da palavra.

Durante o processo de análise e codificação dos dados, observou-se, na fala de alguns informantes, que entre a realização da vibrante múltipla /r/ e do tepe /r/ existem realizações intermediárias. Tais realizações foram computadas como aplicação da regra variável que aqui está sendo estudada, isto é, tepe em lugar de vibrante, pois ainda não são exatamente o que se espera da fala em língua portuguesa sem contato com o italiano. Procedeu-se assim para realizar análise binária, com duas alternantes, apenas.

Cabe esclarecer, ainda, que os dados do VARSUL e do BDSer foram rodados separadamente na análise estatística, por isso os resultados serão apresentados (capítulo 6) também em separado.

Inicialmente, os informantes eram os fatores da variável independente Informante e foram codificados, um a um, no arquivo de dados. Na primeira rodada, em razão de *knockouts* - houve 100% de aplicação e 100% de não-aplicação da regra em alguns informantes -, a variável teve que ser desconsiderada da análise. Mas alguns resultados serão utilizados na análise em tempo real, estudo de painel, como veremos adiante (capítulo 6).

5.3 Definição das Variáveis

5.3.1 Variável dependente

Como afirmado acima, a variável dependente é a realização do tepe em lugar de vibrante em onset silábico no português, considerada aplicação da regra.

5.3.2 Variáveis Independentes

5.3.2.1 Variáveis Linguísticas

5.3.2.1.1 Tonicidade da Sílabas

Com relação às variáveis linguísticas, a primeira a ser controlada é a tonicidade da sílaba, isto é, se a sílaba em que a consoante em estudo aparece é uma sílaba tônica (roça, arroz), pretônica (restinga, reúna) ou átona final (carro, lnglaterra). Nossa hipótese é a de que o tepe emergja mais frequentemente em sílabas átonas. Em sílabas tônicas, a consoante pode ser produzida com mais força, o que pode favorecer a ocorrência da vibrante múltipla. Este resultado foi verificado no estudo de Rossi (2000).

5.3.2.1.2 Posição da Sílabas na Palavra

A segunda variável linguística a ser controlada é a posição da sílaba em que a consoante vibrante se faz presente na palavra, se inicial (rosto, roupa) ou medial (carro, morrer). Quanto à posição da sílaba, assim como Rossi (2000) e Bovo (2004), nossa hipótese é de que sílabas mediais favoreçam a aplicação da regra de tepe em contexto em que se espera vibrante.

5.3.2.1.3 Número de Sílabas

Controla-se a presença da consoante em palavras monossílabas (rim), dissílabas (rosa, terra), trissílabas (relevo, rápido) e polissílabas (romântico, revolucionário). Quanto à consoante em monossílabas, foi constatado um número muito pequeno de vocábulos que apresentavam uma sílaba só. Por se tratar de um número reduzido de vocábulos, o programa de análise estatística poderia dar origem a resultados pouco significativos, por isso, optou-se pela eliminação dos monossílabos no conjunto de dados. O controle desta variável possibilitará testar a hipótese de que, quanto menor a palavra, maiores as chances de não ocorrer o fenômeno em estudo. Conforme Rossi (2000), as palavras polissílabas são favorecedoras da regra.

5.3.2.2 Variáveis Extralinguísticas

Segundo Faraco (1998), já nos primeiros anos do século XX Meillet percebeu que as condições sociais tinham influência decisiva sobre a língua e, como consequência, sobre a mudança. Mas foi somente na década de 60, com os trabalhos do linguista William Labov, que os fatores sociais que atuam na língua passaram a ser analisados.

Nesta pesquisa, que segue a teoria e metodologia labovianas, as variáveis extralinguísticas controladas são: gênero, idade, escolaridade e bilinguismo.

5.3.2.2.1 Gênero

Conforme Labov (2008 [1972]), a diferenciação sexual dos falantes não é resultado apenas de fatores físicos e biológicos, mas também, de uma postura expressiva que é socialmente mais apropriada para um sexo do que para outro. Segundo o autor, mulheres são mais sensíveis aos padrões de prestígio.

Considerando, portanto, que o comportamento linguístico entre homens e mulheres pode variar por consequência de seus papéis sociais, dividimos nossos informantes por gênero masculino e feminino.

5.3.2.2.2 Idade

Com o objetivo de verificar se a troca da vibrante múltipla por tepe está em regressão, progressão ou estável, consideramos as seguintes faixas etárias: de 25 a 39 anos, de 40 a 59 anos e 60 ou mais anos. Nossa hipótese, neste caso, é de que, quanto maior a idade, maior é a aplicação da regra, ou seja, ou mais velhos são favorecedores.

5.3.2.2.3 Escolaridade

Para a variável escolaridade, os informantes foram divididos em três subcategorias: Ensino Fundamental (4 anos), Ensino Fundamental (8 anos) e Ensino Médio. As denominações propostas pelo banco de dados do VARSUL eram primário, ginásio e segundo grau. Adaptamos os termos para aproximá-los aos utilizados atualmente para tais categorias. Acreditamos que, quanto mais elevado for o grau de escolaridade do falante, menor é a probabilidade de aplicar a regra. Tal hipótese foi confirmada por Bovo (2004) e Rossi (2000). Segundo as autoras, quanto maior o grau de estudo, maior seria o uso da forma linguística padrão do português, a vibrante múltipla.

5.3.2.2.4 Bilinguismo

Considerando que o objetivo principal da nossa pesquisa é verificar o *status* da vibrante em uma comunidade de ítalo-descendentes e que, na região, existem falantes com diferentes domínios do dialeto, controlaram-se na variável

bilinguismo os fatores: Ativo (fala e entende), Passivo (só entende) e Nulo (não fala nem entende). A hipótese a ser testada é a de que, quanto maior for o uso do dialeto italiano, maior será a probabilidade de realizar o tepe em contexto de vibrante.

O conjunto de variáveis independentes consideradas na pesquisa está agrupado no seguinte quadro:

Quadro 3 - Variáveis Independentes

<i>Variáveis linguísticas</i>	<i>Variáveis extralinguísticas</i>
Tonicidade da sílaba: Tônica: <i>par<u>r</u>eira</i> Pretônica: <i>re<u>u</u>na</i> Átona: <i>car<u>r</u>o</i>	Gênero Feminino Masculino
Posição da sílaba na palavra: Inicial: <i>r<u>o</u>da</i> Medial: <i>ter<u>r</u>a</i>	Idade 25 a 39 anos 40 a 59 anos 60 ou mais anos
Número de Sílabas na palavra: Dissílaba: <i>r<u>a</u>ro</i> Trissílaba: <i>ter<u>r</u>eno</i> Polissílaba: <i>r<u>i</u>goroso</i>	Escolaridade Ensino Fundamental – 4 anos Ensino Fundamental – 8 anos Ensino Médio
	Bilinguismo: Ativo: Fala/entende Passivo: Entende Nulo: não fala e não entende

6 RESULTADOS DA ANÁLISE QUANTITATIVA DOS DADOS

6.1 VARSUL

Depois de ler e ouvir as entrevistas dos 20 informantes selecionados do projeto VARSUL, levantaram-se 1984 contextos de vibrante. Esses foram codificados e submetidos ao pacote de programas VARBRUL, com que se verificou 41% de aplicação da regra variável, ou 813 ocorrências de tepe em *onset* silábico em contexto em que se espera a vibrante múltipla. Essa totalização pode ser vista no gráfico abaixo:

Gráfico 1 - Uso do Tepe em contexto de Vibrante - VARSUL



Apesar de a não-aplicação ser maior do que a aplicação da regra, a frequência com que o tepe é empregado em lugar de vibrante, 41%, pode ser considerada expressiva.

Dos sete grupos de fatores analisados, o programa selecionou cinco como relevantes para a aplicação da regra, nesta ordem: Escolaridade, Posição da Sílabla na Palavra, Bilinguismo, Gênero e Número de Sílabas. Os fatores Tonicidade e Idade não foram selecionados pelo programa.

Nas seções que seguem, adotaremos essa ordem para a apresentação dos resultados da análise estatística. Em razão dos objetivos da presente pesquisa,

que se voltam à variação e mudança linguística, apresentaremos também os resultados da variável Idade, mesmo que ela não tenha sido selecionada.

6.1.1 Escolaridade

Conforme a seleção do programa, a variável Escolaridade aparece em primeiro lugar, é a mais forte condicionadora da aplicação da regra variável. Ou seja, quanto mais elevado for o grau de instrução do falante, quanto mais exposto ele estiver ao padrão fonológico do português brasileiro, maior é a probabilidade de reproduzir as normas linguísticas dessa língua. Conforme Bovo (2004), o falante mais escolarizado tem maior consciência sobre seu modo de falar.

Inicialmente, trabalhamos com a possibilidade de a variável Escolaridade ser dividida em três subcategorias: Ensino Fundamental (4 anos), Ensino Fundamental (8 anos) e Ensino Médio, mas ao analisarmos os resultados, percebemos que, entre os vinte informantes que selecionamos, somente um se enquadrava na subcategoria Ensino Fundamental (8 anos). Decidimos, então, amalgamar as categorias Ensino Fundamental (8 anos) e Ensino Fundamental (4 anos), ficando nossa variável Escolaridade dividida em duas subcategorias: Ensino Fundamental e Ensino Médio.

Os resultados, visíveis na Tabela 1, confirmam uma de nossas hipóteses, de que falantes de maior escolaridade empregam menos o tepe nos contextos em que se espera a vibrante.

Tabela 1 - Escolaridade - VARSUL

Fatores	Aplicação/Total	%	Peso relativo
Ensino fundamental	677/1412	48	0,57
Ensino Médio	136/572	24	0,34
TOTAL	813/1984	41	

Input 0,391

Significância 0,001

Os falantes com Ensino Médio não favorecem a aplicação da regra variável em questão, apresentando um peso relativo de apenas 0,34 se opondo ao 0,57 dos que cursaram apenas o Ensino Fundamental e condicionam a aplicação da regra.

Esses resultados foram mostrados em outras pesquisas já citadas, tais como Rossi (2000) e Spessatto (2001), que também constatam que, quanto maior a escolaridade, menor o uso de tepe em contexto de vibrante.

6.1.2 Posição da Sílabas na Palavra

O segundo fator selecionado pelo programa foi Posição da Sílabas na Palavra. Os resultados estatísticos para este fator confirmam nossa hipótese de que, quando a consoante ocupa a posição medial da palavra, há o favorecimento da aplicação da regra variável, neste caso, tepe em lugar de vibrante. Isso talvez se deva ao fato de, nessa posição, a consoante em início de sílabas não ser tão saliente quanto no início da palavra. A Tabela 2 traz os resultados:

Tabela 2 - Posição da Sílabas na Palavra - VARSUL

Fatores	Aplicação/Total	%	Peso relativo
Medial - Terra	408/781	52	0,60
Inicial - Roda	405/1203	34	0,43
TOTAL	813/1984	41	

Input 0,391

Significância 0,001

Como se pode observar, o fator Sílabas Inicial desfavorece a aplicação da regra variável, com 0,43 de peso relativo. Já o fator Sílabas Medial é favorecedor, com 0,60.

O mesmo resultado foi observado por Spessatto (2001) e Bovo (2004). Conforme Bovo (2004), a sílabas medial mostra-se favorecedora não só pelo fato de que a realização esperada nessa posição no português padrão seja uma só, vibrante, mas também por se constituir um contexto mais perceptível ou identificável do ponto de vista articulatório.

6.1.3 Bilinguismo

O terceiro grupo de fatores selecionado pelo programa foi o Bilinguismo. Nesse grupo, controlamos Ativo, Passivo e Nulo. Ativo seria o informante que fala e entende o dialeto italiano, passivo, o que só entende e nulo, o que não fala nem entende. Ao analisarmos os resultados estatísticos apresentados pelo programa, observamos que somente um dos informantes se enquadrava na categoria Nulo e um na categoria Passivo. Deixá-los separados seria pouco significativo para a análise estatística. Decidimos, então, amalgamar Nulo a Passivo, ficando o grupo de fatores Bilinguismo dividido em Passivo e Ativo.

Tabela 3 - Bilinguismo - VARSUL

Fatores	Aplicação/Total	%	Peso relativo
Fala e entende	788/1807	44	0,71
Nulo/Passivo	25/177	14	0,16
TOTAL	813/1984	41	

Input 0,391

Significância 0,001

A hipótese de que os falantes bilíngues produzem mais tepe foi confirmada pelos resultados expostos na Tabela 3, isto é, as chances de um informante que não é bilíngue ou é bilíngue passivo produzir tepe no lugar de vibrante são menores.

Bilinguismo pode ser definido como o uso de mais de uma língua pela mesma pessoa ou dentro de uma comunidade linguística. Consideramos ser a cidade de Flores da Cunha uma comunidade bilíngue, pois, no município, existe contato entre português e a fala dialetal italiana. Alguns traços característicos da língua italiana predominam na variedade do português falado na região, seja através do bilinguismo (dialetal) ou mesmo através do sotaque de um português marcado por traços da língua italiana.

Como se viu no capítulo 2 do presente trabalho, na comunidade bilíngue de Flores da Cunha o contato linguístico português-italiano é resultante do processo de colonização do município ao final do século XIX, em que houve o contato dos imigrantes italianos com a língua portuguesa.

Frozi e Mioranza (1983, p. 347) ao estudarem o contato dos falares dialetais italianos com o português, observam que existe uma frequente realização

da vibrante simples em lugar de múltipla na fala em língua portuguesa. Segundo os autores, nos dialetos falados no norte da Itália, a vibrante múltipla não existe como fonema do dialeto. Portanto, o emprego de tepe no lugar da vibrante múltipla é resultado da transferência de uma característica da fala dialetal italiana para o português.

Conforme Battisti e Martins (2011), na zona rural do município a fala bilíngue português-dialeto italiano ainda é prática social corrente nas conversas entre familiares, amigos, e vizinhos. Esse maior contato com o dialeto italiano contribui para a aplicação da regra variável em estudo.

6.1.4 Gênero

A quarta variável selecionada pelo programa foi a variável Gênero. Conforme nossa hipótese, as mulheres usam menos tepe, porque esta variante seria desprestigiada em relação ao falar padrão de português brasileiro. Os resultados apresentados na Tabela 4 confirmam essa hipótese:

Tabela 4 - Gênero - VARSUL

Fatores	Aplicação/Total	%	Peso relativo
Masculino	515/1043	49	0,60
Feminino	298/941	32	0,38
TOTAL	813/1984	41	

Input 0,391

Significância 0,001

Este resultado é o mesmo de Battisti e Martins (2011), Bovo (2004), Rossi (2000), entre outros.

Conforme Labov (2001), na sociedade americana, as mulheres lideram a mudança linguística em razão de seu *status* social, inferior ao dos homens no mercado de trabalho. Isso as leva à necessidade de monitorar mais a fala, entre outros aspectos, para mostrar eficiência e realizar conquistas. Talvez isso se aplique à sociedade brasileira também.

Numa via diferente, arriscamos afirmar que empregar formas identificadas com o universo bilíngue e italiano, isto é, adotar um 'sotaque gringo' é uma prática social mais masculina do que feminina, uma forma de expressar masculinidade

através da fala. O inverso, empregar um falar conforme o português sem traços de contato com o italiano e em sua modalidade formal pode soar sofisticado demais, afetado, o que os homens florenses tenderiam a evitar.

6.1.5 Número de Sílabas na Palavra

O quinto e último fator selecionado pelo programa foi a variável Número de Sílabas na Palavra. Pelos resultados obtidos, percebemos que as palavras trissílabas são as mais favorecedoras da aplicação da regra variável, enquanto que as palavras polissílabas são as menos favorecedoras. Este resultado se contrapõe a estudos anteriores. No estudo de Rossi (2000), por exemplo, acontece o contrário, isto é, as palavras polissílabas são favorecedoras da regra de aplicação da vibrante. No estudo de Bovo (2004), a variável Número de Sílabas não foi selecionada pelo programa.

Na tabela abaixo, podemos observar que, tal como no estudo de Bovo (2004), os valores dos pesos relativos giram em torno do ponto neutro, fato que pode justificar a seleção deste fator em último lugar pelo programa.

Tabela 5 - Número de Sílabas - VARSUL

Fatores	Aplicação/Total	%	Peso relativo
Trissílaba – Terreno	314/705	45	0,54
Dissílaba – Raro	366/870	37	0,51
Polissílaba – Rigoroso	133/409	32	0,41
Total	813/1984	41	

Input 0,391

Significância 0,001

6.1.6 Idade

Embora a variável Idade não tenha sido selecionada como significativa para a aplicação da regra nos dados do VARSUL, os resultados podem ser de interesse. Em termos percentuais, o uso de tepe parece estar em regressão, pois a

aplicação da regra pelos informantes com menos idade é levemente inferior à aplicação pelos mais velhos. Observe-se a Tabela 6:

Tabela 6 - Idade - VARSUL

Fatores	Aplicação/Total	%	Peso relativo
25 a 39 anos	237/597	40	0,52
40 a 59 anos	420/1046	40	0,50
60 ou + anos	156/341	46	0,46
Total	813/1984	41	

Input 0,391

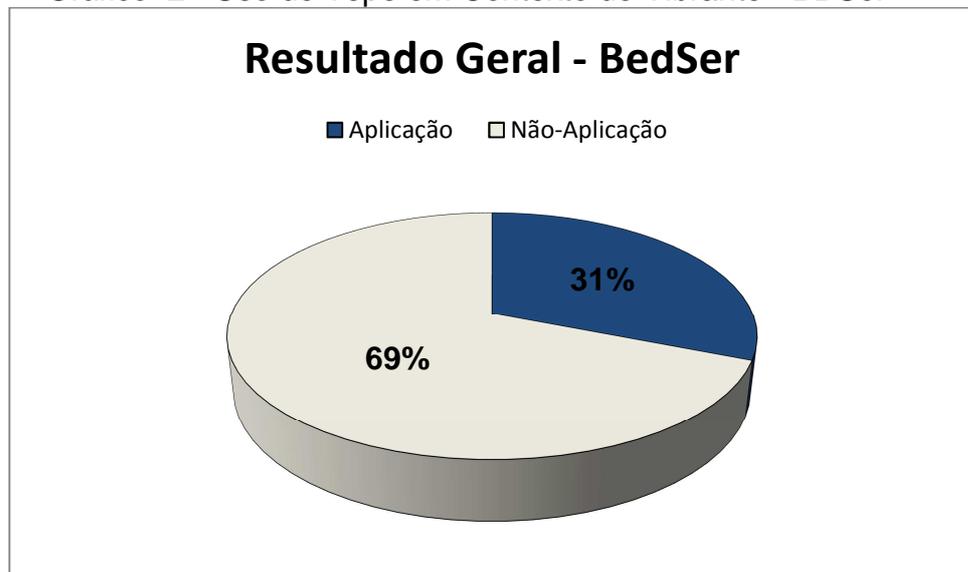
Significância 0,001

Em termos de peso relativo, no entanto, a relação é inversa, e os valores giram em torno do ponto neutro, o que não permite tecer considerações a respeito do papel de Idade na variação da vibrante para os dados do VARSUL.

6.2 BDSer

Para a análise de regra variável, foram utilizadas vinte entrevistas sociolinguísticas do BDSer de Flores da Cunha. Foram levantados 1440 contextos de vibrante. Nesses, houve 443 ou 31% de aplicação da regra variável em questão. A não-aplicação da regra totalizou 997 ou 69% de ocorrências, como mostra o Gráfico 2:

Gráfico 2 - Uso de Tepe em Contexto de Vibrante - BDSer



Os grupos de fatores analisados foram sete. Dentre eles, o programa selecionou seis como relevantes para a aplicação da regra, os quais seguem por ordem de relevância estatística: Bilinguismo, Idade, Escolaridade, Posição da Sílabas, Gênero e Número de Sílabas. O fator Tonicidade não foi selecionado pelo programa.

6.2.1 Bilinguismo

O primeiro grupo de fatores selecionado pelo programa foi o Bilinguismo. Bilinguismo é, portanto, o mais forte condicionador da aplicação da regra variável, o que confirma uma de nossas hipóteses, a de que, quanto maior uso o informante fizer do dialeto italiano, maior é a probabilidade de realizar o tepe em lugar de vibrante.

Como explicamos anteriormente ao relatarmos os resultados da análise com dados do VARSUL (seção 6.1.3), três seriam os fatores desse grupo: Ativo, Passivo e Nulo. Com as primeiras análises dos dados, observamos que três dos informantes declararam não falar nem entender o dialeto italiano, se enquadrando, portanto, na categoria Nulo. Também foram três os informantes que se enquadraram na categoria Passivo, isto é, só entendem o dialeto. Notamos que, se uníssemos os dois, Nulo e Passivo, teríamos um resultado mais significativo para a análise estatística. Decidimos, portanto, amalgamá-los, ficando o grupo de fatores Bilinguismo dividido em Passivo e Ativo, apenas.

Tabela 7 - Bilinguismo - BDSer

Fatores	Aplicação/Total	%	Peso relativo
Fala e entende	423/1090	39	0,71
Nulo/Passivo	20/350	6	0,06
TOTAL	443/1440	31	

Input 0,220

Significância 0,007

Os pesos relativos obtidos são ainda mais extremos do que os verificados com os dados do VARSUL, atribuindo a essa variável, como também ao contato linguístico do português com o italiano, papel de destaque no condicionamento do

emprego de tepe. A tendência então é a de que, decrescendo a prática bilíngue no futuro, também haja diminuição da aplicação da regra.

6.2.2 Idade

O segundo grupo de fatores selecionado pelo programa foi Idade.

Por acreditarmos que os mais jovens têm um contato maior com a língua portuguesa padrão através de suas práticas sociais, nossa hipótese era a de que, quanto maior fosse a idade do informante, maior seria a aplicação da regra variável, isto é, os mais velhos produziram mais tepe em contextos em que se espera a vibrante.

Os resultados para a variável idade foram diferentes do esperado. Como podemos observar no quadro abaixo o total de aplicação apresentado pelos mais jovens foi maior do que o apresentado pelos mais velhos.

Tabela 8 - Idade - BDSer

Fatores	Aplicação/Total	%	Peso relativo
25 a 39 anos	162/458	35	0,72
40 a 59 anos	120/339	35	0,65
60 ou + anos	161/643	25	0,26
Total	443/1440	31	

Input 0,220

Significância 0,007

O mesmo resultado já havia sido observado por Rossi (2000), cuja variável dependente é o emprego de vibrante múltipla, não de tepe, como em nosso estudo:

A variável *idade*, no entanto, surpreendeu as expectativas iniciais. Supunha-se que os informantes com menos idade realizassem mais a *vibrante múltipla* do que os informantes com mais de 50 anos. Este resultado, entretanto, só foi constatado nas realizações dos informantes mais jovens de Chapecó/ SC. Em Flores da Cunha/RS, conforme visto, houve uma inversão nos resultados (os informantes mais velhos realizaram mais o [r] do que os mais jovens). (ROSSI, 2000, p.60)

Segundo Battisti e Martins (2011), os jovens florenses, ao terem suas práticas sociais observadas mais sistematicamente, ao serem considerados os

assuntos de que falam, e as questões sobre que debatem, revelam um localismo peculiar, o que os diferencia dos demais jovens gaúchos. Segundo as autoras, esse localismo pode explicar as vinculações das práticas destes jovens com as tradições da imigração italiana, talvez reforçadas pelas festas locais e pelo turismo. Isso pode explicar os resultados estatísticos para a variável Idade em nosso estudo.

Uma outra explicação para esse fenômeno pode estar relacionada com o Local de Residência do informante. Observamos na nossa pesquisa que boa parte dos informantes mais jovens residem na zona rural, enquanto que os mais velhos residem, em sua maioria, na zona urbana da cidade. Como mostra o estudo de Battisti e Martins (2011), o fator Zona Rural é favorecedor da aplicação da regra. As autoras acreditam que uma das razões pode estar no fato de, na zona rural, a fala bilíngue português-dialeto italiano se verificar nas conversas entre familiares, vizinhos e amigos, mais do que na zona urbana.

Então, no que se refere à análise em tempo aparente, nossos resultados com os dados do BDSer pareceriam sugerir que o emprego de tepe em lugar de vibrante estivesse progredindo na comunidade. Tomamos essa sugestão com cautela, em razão das considerações feitas acima, relativas ao desenho da análise, e da proporção total de aplicação da regra, 41% nos dados do VARSUL, 31% nos do BDSer, o que indica decréscimo, e não aumento da aplicação da regra.

6.2.3 Escolaridade

De acordo com a seleção do programa, a variável Escolaridade aparece em terceiro lugar.

Assim como para os dados do VARSUL, na análise dos dados do BDSer também trabalhamos, inicialmente, com a divisão da variável escolaridade em três subcategorias: Ensino Fundamental (4 anos), Ensino Fundamental (8 anos) e Ensino Médio, mas, ao analisarmos os resultados das primeiras rodadas, percebemos que, entre os vinte informantes que selecionamos, sete se enquadravam na subcategoria Ensino Fundamental (4 anos), cinco na categoria Ensino Fundamental (8 anos) e

oito na categoria Ensino Médio. Para um resultado mais significativo, na fase de aperfeiçoamento da análise decidimos amalgamar as categorias Ensino Fundamental (8 anos) e Ensino Fundamental (4 anos), ficando nossa variável escolaridade dividida em duas subcategorias: Ensino Fundamental e Ensino Médio.

Tabela 9 - Escolaridade - BDSer

Fatores	Aplicação/Total	%	Peso relativo
Ensino fundamental	305/752	41	0,70
Ensino Médio	138/688	20	0,29
TOTAL	443/1440	31	

Input 0,220

Significância 0,007

Com esse resultado, podemos confirmar a hipótese de que falantes mais escolarizados empregam menos o tepe nos contextos em que se espera a vibrante.

Ao observarmos os pesos relativos, notamos que os falantes com Ensino Médio não favorecem a aplicação da regra variável em questão, apresentando um peso relativo de apenas 0,29. Opostamente, é de 0,70 o peso relativo para aqueles que cursaram apenas o Ensino Fundamental, condicionadores da aplicação da regra. Nos dados do BDSer, repete-se o observado para Escolaridade no VARSUL.

6.2.4 Posição da Sílabas na Palavra

A quarta variável selecionada pelo programa foi Posição da Sílabas na Palavra. Como podemos observar na tabela abaixo, o fator Sílabas Medial é favorecedor da regra variável, com 0,62 de peso relativo. Já o fator Sílabas Inicial desfavorece a aplicação da regra variável, com 0,43 de peso relativo.

Tabela 10 - Posição da Sílabas na Palavra - BDSer

Fatores	Aplicação/Total	%	Peso relativo
Medial - Terra	211/532	40	0,62
Inicial – Roda	232/908	26	0,43
TOTAL	443/1440	31	

Input 0,220

Significância 0,007

Esse resultado confirma nossa hipótese de que as bordas da palavra não são favorecedoras da aplicação da regra variável em questão, o que está de acordo com o verificado por Battisti e Martins (2011), Bovo (2004) e Spessatto (2001). A

interpretação dessas autoras é a de que a vibrante é mais perceptível no início da palavra, mais saliente e, assim, mais controlada em sua produção pelo falante. Como nesses trabalhos, não controlamos sequências clítico-hospedeiro (*pra rua, de roer, que resultado*), em que o clítico é incorporado prosodicamente como uma das sílabas pretônicas e a vibrante, por consequência, passa a ser intervocálica ou medial. Admitimos que o controle desse aspecto poderia ter sido relevante para a presente análise, poderíamos ter obtido resultados diferentes dos acima referidos. Foi etapa que ora não logramos cumprir, mas que já é compromisso para estudos futuros.

6.2.5 Gênero

A quinta variável selecionada pelo programa foi a variável Gênero. Como nos mostra a tabela abaixo, os homens empregam mais o tepe do que as mulheres. Isso confirma nossa hipótese de que as mulheres usam menos tepe, talvez porque esta variante seria desprestigiada em relação ao falar padrão de português brasileiro.

Tabela 11 - Gênero - BDSer

Fatores	Aplicação/Total	%	Peso relativo
Masculino	292/748	39	0,55
Feminino	151/692	22	0,44
TOTAL	443/1440	31	

Input 0,220

Significância 0,007

Este resultado é o mesmo obtido por Battisti e Martins (2011), Bovo (2004), Spessatto (2001) e Rossi (2000) e também de nossa análise com os dados do VARSUL. E também confirma a afirmação de Labov (2008 [1972]), que diz que as mulheres são mais sensíveis ao uso das formas de prestígio se mostrando mais inovadoras no uso de uma regra quando não se trata de uma forma estigmatizada.

6.2.6 Número de Sílabas na Palavra

A sexta e última variável selecionada pelo programa foi a variável Número de Sílabas na Palavra. Conforme os resultados da Tabela 11, palavras trissílabas condicionam a aplicação da regra variável, enquanto que palavras dissílabas são as menos favorecedoras. Isso contraria nossa hipótese de que, quanto maior a palavra, mais chances de se produzir tepe em contexto em que se espera a vibrante.

Tabela 12 - Número de Sílabas na Palavra - BDSer

Fatores	Aplicação/Total	%	Peso relativo
Polissílaba – Rigoroso	67/265	25	0,46
Dissílaba – Raro	178/594	30	0,45
Trissílaba – Terreno	198/581	34	0,57
Total	443/1440	31	

Input 0,220

Significância 0,007

Apresentados os resultados da análise de regra variável dos dois conjuntos de dados, realizada separadamente, pouco teríamos a dizer em relação à variação e mudança linguística em tempo aparente, em razão dos resultados inexpressivos obtidos no controle da variável Idade. Apenas a comparação das proporções totais de emprego de tepe em um e outro conjunto de dados, que mostra um decréscimo dessa realização variável (41% no VARSUL, 31% no BDSer), é sugestiva de uma regressão da regra. A análise em tempo real, de que nos ocuparemos a seguir, ajuda a esclarecer algumas questões.

6.3 Análise em Tempo Real

6.3.1 Estudo de tendência

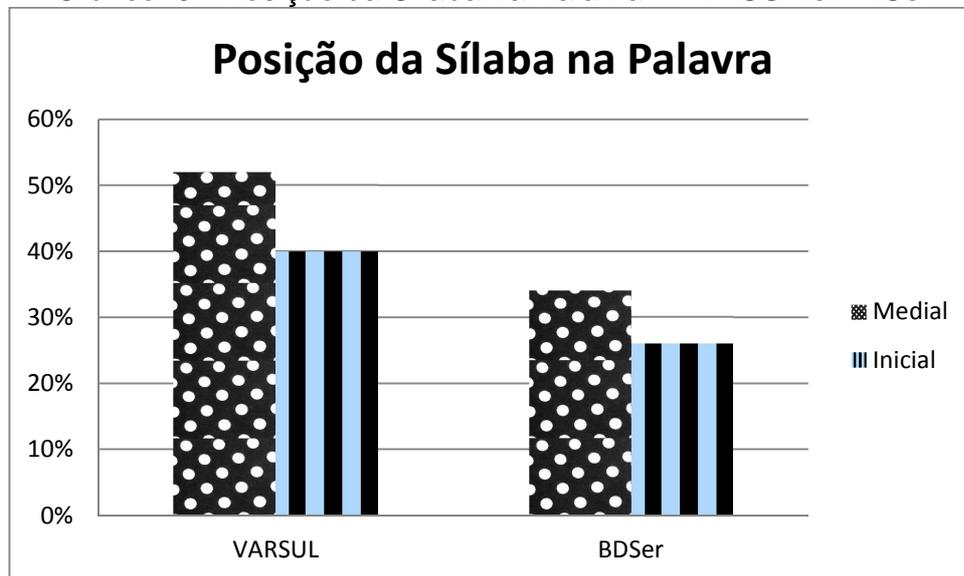
Ao compararmos os dados dos projetos VARSUL e BDSer, observamos que, mesmo com uma diferença de quase 20 anos entre a realização de uma e outra coleta de dados, o comportamento dos informantes mostra-se semelhante.

Na fala dos informantes tanto do projeto VARSUL quanto BDSer, os fatores sociais Escolaridade, Bilinguismo e Gênero apresentaram-se como relevantes. O fator Idade se mostrou relevante somente nos resultados do BDSer, e

se mostrou contrário às nossas expectativas. Os grupos de fatores linguísticos apresentados como relevantes em ambos os projetos foram: Posição da Sílabas e Número de Sílabas. O fator Tonicidade foi excluído pelo programa tanto no VARSUL, quanto no BDSer.

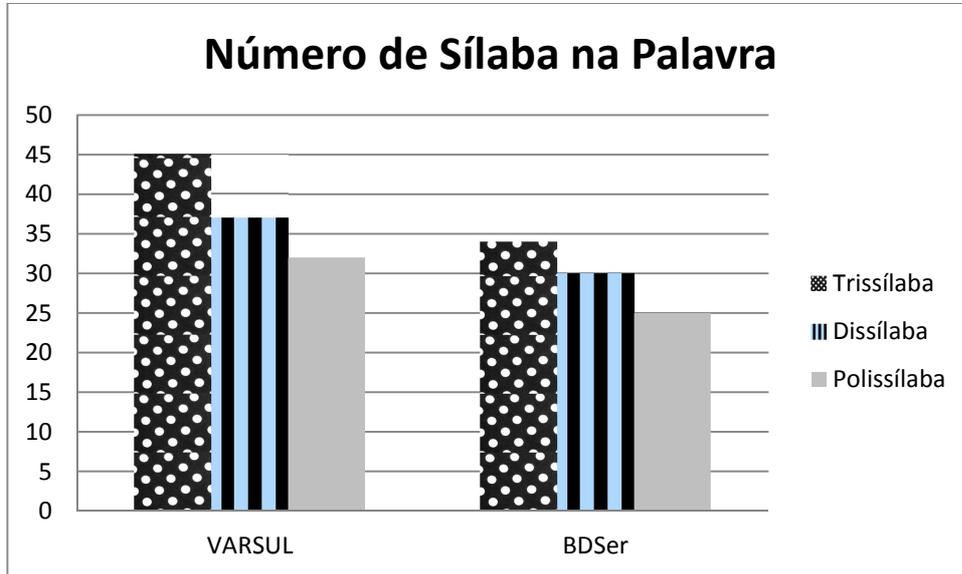
Abaixo segue a comparação dos principais resultados dos dois *corpora* em gráficos. Como a ordem de relevância estatística dos projetos foi diferente, optamos por apresentar os resultados das variáveis linguísticas antes das extralinguísticas.

Gráfico 3 - Posição da Sílabas na Palavra - VARSUL e BDSer



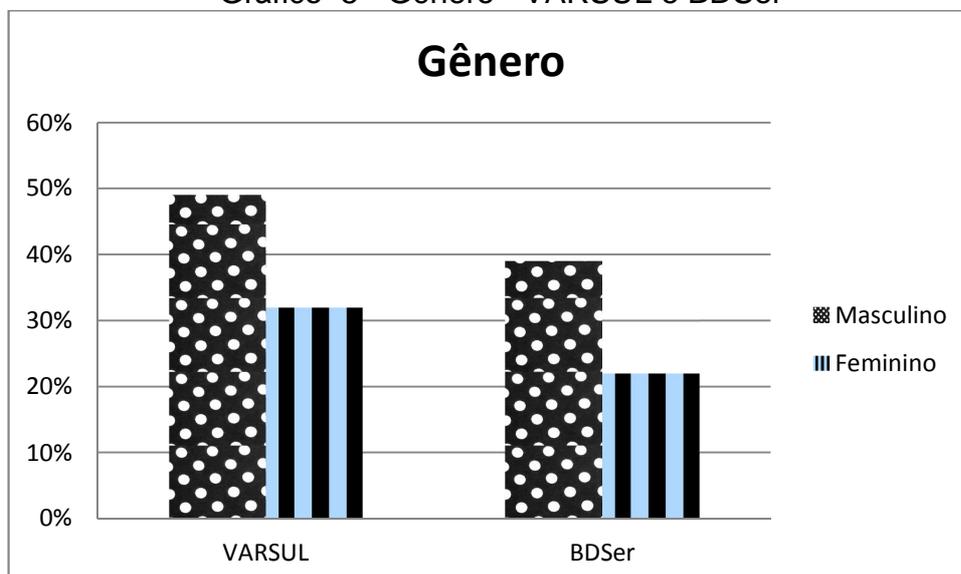
Quanto à Posição da Sílabas na Palavra, houve uma diminuição no percentual de uma amostra (VARSUL) para a outra (BDSer) em ambas as posições, e a posição medial continuou favorecendo a aplicação de regra. Como mencionado anteriormente, as bordas da palavra parecem desfavorecer a aplicação da regra variável em estudo.

Gráfico 4 - Número de Sílabas na Palavra - VARSUL e BDSer



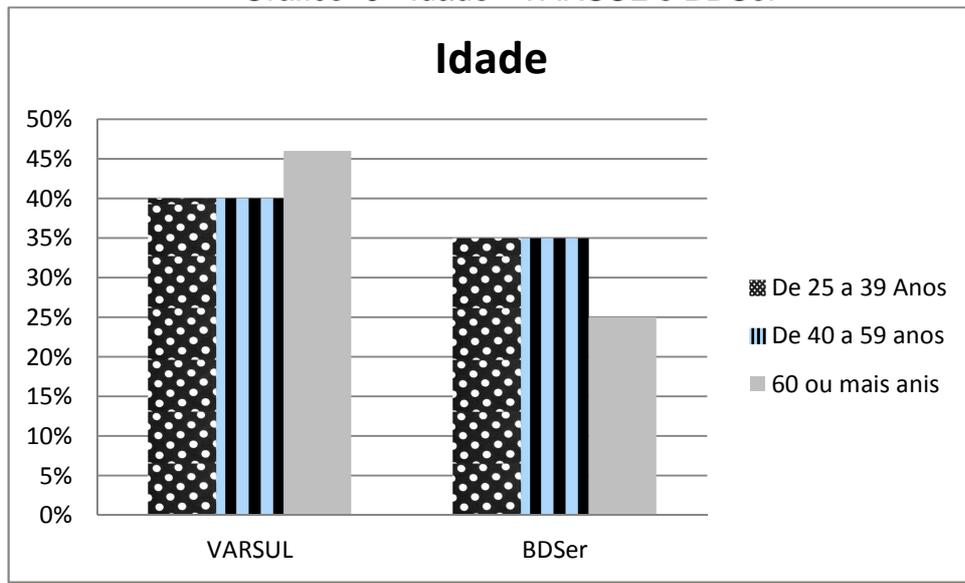
Quanto ao número de sílabas, o Gráfico 4 nos mostra que obtivemos resultados semelhantes nos dados dos dois projetos. A passagem do tempo não modificou o fato que contraria nossa hipótese, de que quanto maior fosse a palavra, mais favorável seria a aplicação da regra: os polissílabos são o contexto em que a regra menos aplica. As condicionadoras da regra são as palavras trissílabas, as desfavorecedoras, as dissílabas.

Gráfico 5 - Gênero - VARSUL e BDSer



Para a variável Gênero, também obtivemos resultados semelhantes. Mesmo passados quase 20 anos, homens continuam sendo os favorecedores da regra. O fato de os homens aplicarem mais a regra nos sugere que o emprego de tepe em lugar da vibrante possa estar mais ligado à identidade masculina na comunidade.

Gráfico 6 - Idade - VARSUL e BDSer



Até agora, como se pode observar nos gráficos, temos resultados semelhantes para as variáveis controladas na análise dos dados de ambos os projetos. A exceção é a variável Idade. Na comparação, os resultados mostram uma inversão interessante: os falantes com 60 ou mais anos são os que mais empregam tepe nos dados do VARSUL; nos do BDSer, são os que menos empregam, agora cabendo o papel de condicionadores da regra aos falantes mais jovens. A regra, antes em declínio, estaria ganhando fôlego? Observem-se as curvas nos gráficos 7 e 8.

Gráfico 7 - Idade - VARSUL: Curva

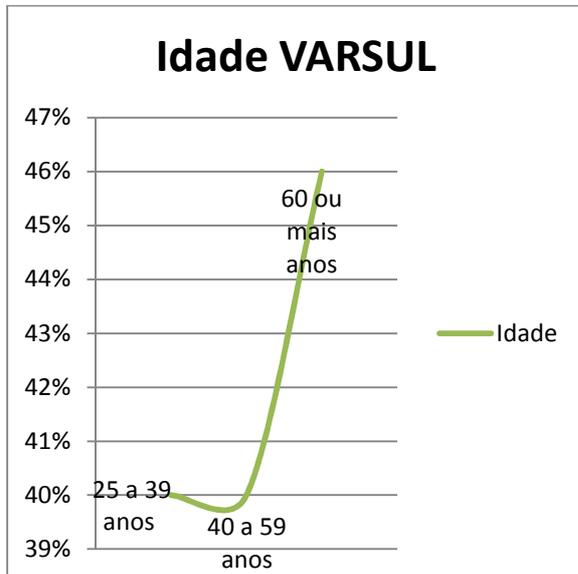
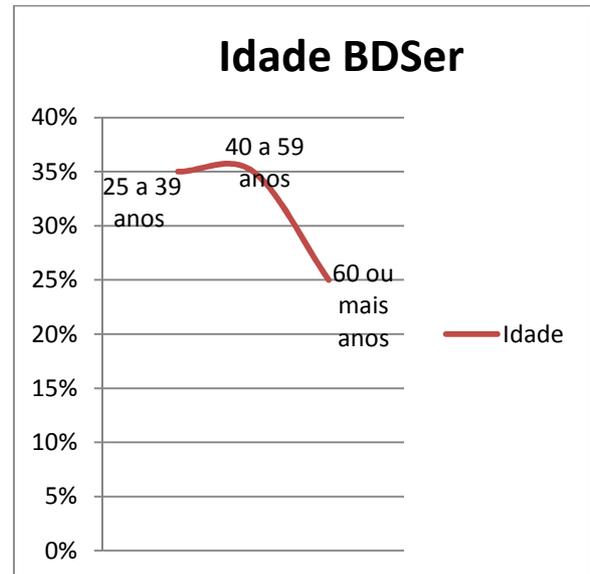


Gráfico 8 - Idade - BDSer: Curva

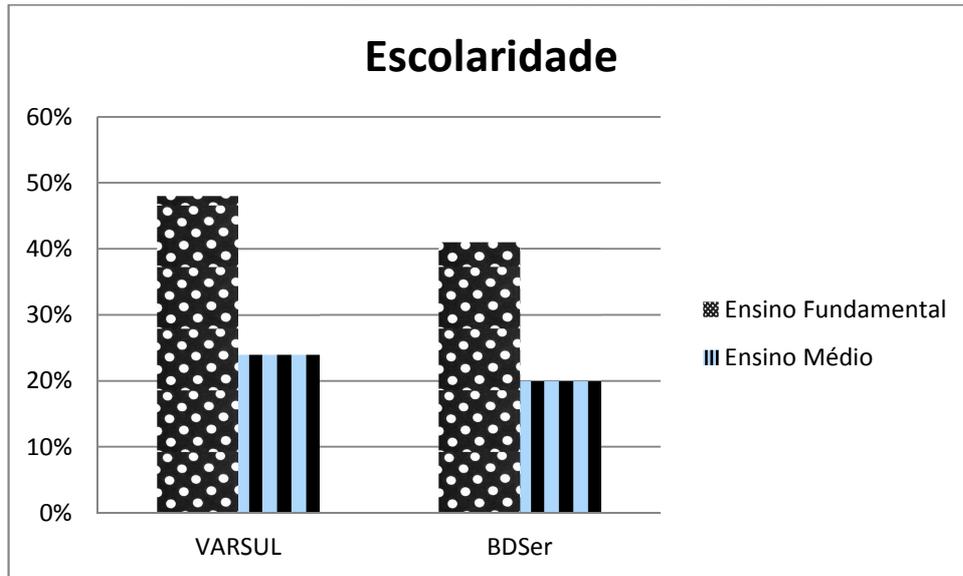


Os informantes do VARSUL entre 40 e 59 anos em 1990 teriam hoje 60 ou mais anos. Àquela época, eles também eram o grupo etário que menos empregava o tepe em lugar de vibrante. É como se, mesmo com um leve declínio, eles tivessem mantido seu comportamento linguístico ao longo dos 20 anos decorridos.

No Gráfico 8, percebe-se uma estabilização na taxa de emprego de tepe nos dois grupos etários mais jovens, numa proporção de 35%.

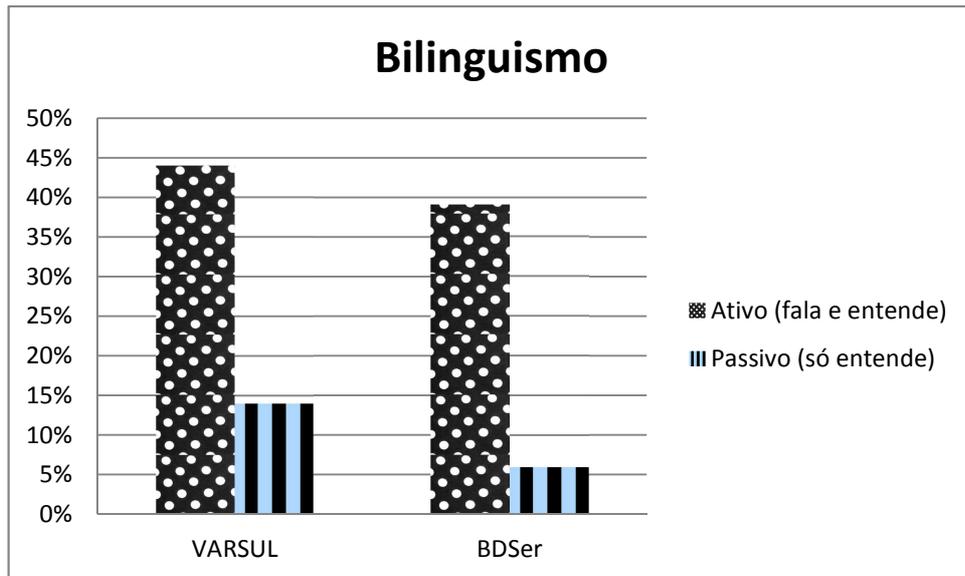
Embora contrariem nossa hipótese inicial, de que os jovens empregariam menos tepe, os resultados, principalmente do BDSer, são esclarecedores na medida em que o platô verificado na curva é diagnóstico de estabilização do processo.

Gráfico 9 - Escolaridade - VARSUL e BDSer



A variável Escolaridade, selecionada em primeiro lugar nos resultados do VARSUL e em terceiro lugar nos resultados do BDSer, confirmou nossa hipótese de correlação negativa com o emprego de tepe: quanto mais escolarizado for o informante, menos aplica regra, em função da consciência da língua que vai desenvolvendo na aprendizagem das normas do português. O comportamento linguístico é o mesmo nos dados dos dois projetos.

Gráfico 10 - Bilinguismo - VARSUL e BDSer



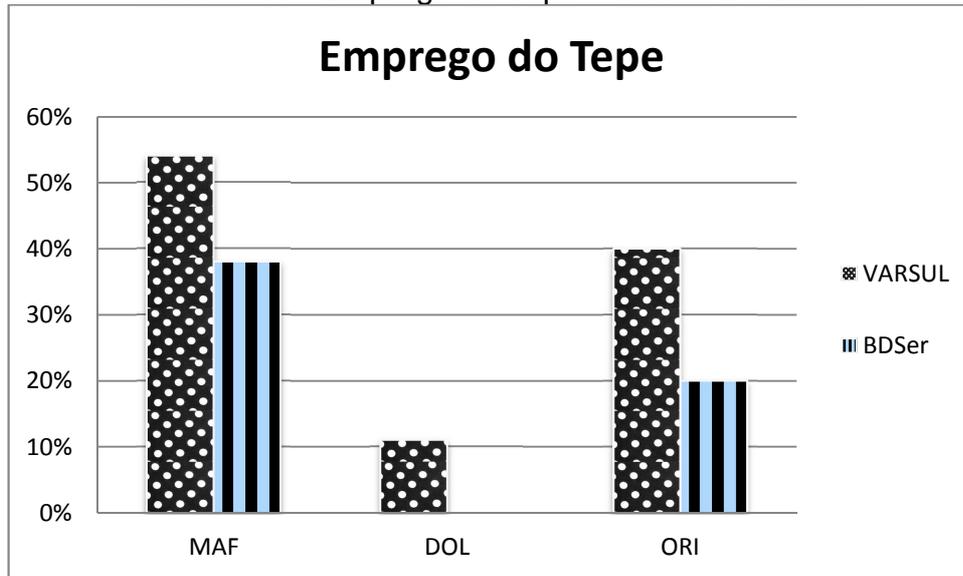
A variável Bilinguismo foi selecionada como significativa tanto nos resultados do VARSUL quanto do BDSer. O comportamento linguístico é o mesmo, confirmando nossa hipótese: quanto maior é o contato do falante com o dialeto italiano, quanto mais exposto ele estiver, maiores são as chances dele fazer a troca da vibrante por tepe.

6.3.2 Estudo de painel

A análise aqui desenvolvida compara a fala de três informantes do projeto VARSUL, entrevistados em 1990, e, por coincidência, foram também entrevistados pelo BDSer no ano de 2009, após um intervalo de quase 20 anos. Tratam-se de duas mulheres e um homem, identificados em nosso trabalho apenas pelas três primeiras letras de seus nomes. MAF e DOL são as mulheres, ORI, o homem.

O Gráfico 9 mostra a proporção total de aplicação da regra, por esses mesmos três informantes, nos dados do VARSUL e nos do BDSer.

Gráfico 11 - Emprego do Tepe - VARSUL e BDSer



Como se pode observar, nenhum dos três informantes apresentou estabilidade no seu padrão de fala de uma época para outra. Passados quase vinte anos, percebe-se que ocorreu uma diminuição na aplicação da regra variável na fala de todos eles.

A informante MAF tinha 69 anos quando foi entrevistada pelo VARSUL, foi por nós classificada como pertencente ao grupo etário de 60 ou mais anos na análise dos dados daquele projeto. Em 1990, nos dados do VARSUL, foi observada uma proporção de 54% de aplicação da regra variável em estudo. Já em 2009, na entrevista do BDSer, este percentual caiu para 38%. Houve uma diminuição de 16% no total de aplicação. MAF contava com 88 anos à época e, por essa razão, continuou fazendo parte do grupo com 60 ou mais anos em nossa codificação.

A informante DOL, que no primeiro contato tinha 56 anos e, na análise dos dados do VARSUL, foi codificada como 40 a 59 anos, produzia minimamente o tepe em lugar de vibrante, numa proporção de 11% de aplicação da regra. No segundo contato, em 2009, já com 74 anos e fazendo parte do grupo de informantes com 60 ou mais anos em nossa análise, a variante tinha desaparecido de sua fala: não produziu um único tepe em lugar de vibrante em sua fala.

O informante ORI, quando entrevistado pela primeira vez, tinha 56 anos e o percentual de aplicação da regra variável em estudo em sua fala era de 40%. Quando recontatado em 2009, esse percentual havia caído pela metade, isto é,

20%. Na análise que fizemos, foi codificado como 40 a 59 para os dados do VARSUL, e como 60 ou mais anos para os dados do BDSer.

Os três informantes moravam na zona urbana de Flores da Cunha à época das entrevistas do VARSUL, e seguiram residindo nessa área do município, onde foram entrevistados pelo BDSer. Como observado no estudo de Battisti e Martins (2011), a zona urbana do município tem desfavorecido a aplicação da regra. Não só porque a práticas de bilinguismo é menos frequente na zona urbana, mas também porque, nessa área, há maior contato das pessoas com visitantes, e dali se vai com mais facilidade a outras comunidades vizinhas, a zona urbana tem se mostrado mais permeável a mudanças linguísticas.

Na primeira entrevista realizada pelo projeto VARSUL, em 1990, MAF tinha como atividade de lazer a vida em família. Viúva desde os 30 anos, criou os quatro filhos praticamente sozinha, tendo que trabalhar muito. Foi dona de posto de gasolina e de oficina mecânica durante muitos anos, o que fez dela muito conhecida na cidade. Durante o primeiro contato, os assuntos de interesse de MAF eram o trabalho e a família.

No recontato, em 2009, MAF, com 88 anos, continuava morando na mesma residência, agora com uma moça, que era sua cuidadora. Os filhos e netos a visitavam com frequência. A informante dizia não sair muito de casa, os filhos traziam os mantimentos do dia-a-dia. Quando necessário, ia ao médico em Flores da Cunha ou em Caxias. Comentou que a cidade é muito bonita e bem cuidada, mas reclamou do barulho e do movimento intenso, pois mora no centro da cidade. Disse que já existem pontos de venda de drogas inclusive próximo a sua casa. Gosta de falar dos tempos em que foi dona do posto de gasolina.

Quando entrevistada em 1990, a informante DOL, que havia sido professora primária e diretora de escola, trabalhava na APAE da cidade. Solteira, suas atividades de lazer eram cinema, vídeo e viagens pelo Brasil e exterior, além de ir frequentemente à sua chácara no interior do município. No primeiro contato, a informante tinha o Ensino Médio completo e havia cursado magistério, comenta que, em sua época para cursar o antigo Segundo Grau, precisava sair da cidade, por isso ficou sete anos em um internato em Garibaldi.

No recontato, DOL informou que havia concluído o Ensino Superior, fez a faculdade de História. Tornou-se comerciante, dona de uma loja de produtos naturais, místicos, religiosos e remédios homeopáticos e fitoterápicos e também era diretora do hospital da cidade. Como atividade de lazer, disse gostar de ir para sua chácara cultivar plantas. Seus assuntos de interesse continuam sendo os mesmos: filmes e viagens.

O único informante homem é ORI. Quando contatado pelo VARSUL, em 1990, o informante tinha 56, era casado e pai de dois filhos, um dentista e outro estudante de Jornalismo. Quanto ao grau de escolaridade, ORI tinha o Primário. Seus assuntos de maior interesse eram a vinicultura, sua antiga fábrica de calçados e o namoro com sua esposa.

Na entrevista realizada pelo BDSer, em 2009, ORI agora com 74 anos está aposentado, mora com sua esposa na mesma residência. Suas principais atividades de lazer são: visitar os filhos em Camboriú e Caxias e se reunir com os amigos diariamente, os quais têm um 'clube', o Clube dos Dinossauros.

Essas informações, que retiramos da fala dos informantes nas próprias entrevistas sociolinguísticas, nos ajudam a compreender o resultado da análise em tempo real, estudo de painel, talvez o mais importante de nossa pesquisa. Verificamos mudança na proporção de aplicação da regra variável na fala dos informantes, quando esperaríamos relativa estabilidade em seu padrão de fala, já que são adultos. Ao longo de vinte anos, a comunidade mudou, e a vida dos informantes, suas práticas sociais, também mudaram. Como vimos, Flores da Cunha segue apegada à memória da colonização, a hábitos de alimentação, trabalho, lazer tradicionais. Ainda há bilinguismo, ainda ocorre a troca de vibrante por tepe, mas em proporção cada vez menor. Contribuem para essa mudança não só os jovens, a quem caberia o papel inovador, mas também os idosos que, comprovamos, também levam adiante a variação.

CONCLUSÃO

Essa pesquisa teve por objetivo analisar, sob a luz da Teoria da Variação laboviana, a variação da vibrante em *onset* silábico, na fala de descendentes de italianos residentes no município de Flores da Cunha (RS). Esses falantes promovem uma alternância que não se espera na fala de monolíngues-português, produzem tepe em lugar de vibrante múltipla (*carro~caro*, *arroz~aroz*). Os dados utilizados vieram de dois Bancos distintos, o VARSUL e o BDSer. Foram levantados de entrevistas realizadas em 1990 e 2009, respectivamente, o que nos possibilitou fazer um estudo em tempo real.

Os objetivos da pesquisa foram: verificar o status da variação da vibrante, se estável, em progressão ou regressão, averiguar qual a frequência da troca da vibrante por tepe, bem como seus condicionadores linguísticos e sociais, isso em dois estágios de tempo.

No capítulo introdutório de nosso trabalho, procuramos apresentar da forma mais clara possível a pesquisa, com o objetivo de dar ao leitor uma ideia geral do assunto por nós abordado.

Nosso segundo capítulo relatou como foi a chegada dos primeiros imigrantes italianos ao Brasil, ao Rio Grande do Sul e, principalmente, a Flores da Cunha, apontando as principais dificuldades encontradas pelos imigrantes e o processo de desenvolvimento da comunidade até chegar ao nível cidade. Neste capítulo também fizemos uma comparação entre Flores da Cunha nos anos 90 e Flores da Cunha nos anos 2000. Com essa comparação, foi possível mostrar que, como em qualquer outra região do mundo, houve mudanças na comunidade, mas essas mudanças não tiraram do município características italianas que o identificam.

Em nosso terceiro capítulo, expusemos a Teoria da Variação, modelo de investigação proposto pelo sociolinguista americano William Labov e no qual nosso trabalho foi fundamentado. Apresentamos um breve histórico do modelo, com as contribuições de linguistas anteriores a Labov. Também apresentamos os objetivos e pressupostos do modelo, que passou a ter êxito nos anos 60 do século passado, após as pesquisas de Labov em Martha's Vineyard e em Nova York. Com as

observações feitas nessas comunidades, Labov concluiu que o papel dos fatores sociais, que atuam na língua, são decisivos para explicar a variação e mudança linguística.

No capítulo quatro, abordamos a vibrante na fonologia do português. Mostramos as concepções de Câmara Jr (2000 [1970]) e Monaretto, Quednau e Hora (2005) quanto ao *status* fonológico da vibrante. Enquanto Câmara Jr (2000 [1970]) defende que o português possui duas vibrantes, uma forte e outra fraca, Monaretto, Quednau e Hora (2005), referindo a proposta de Monaretto (1992), afirmam que existe apenas um fonema vibrante no português, a vibrante simples.

No quinto capítulo, descrevemos passo a passo a metodologia por nós utilizada para realização dessa pesquisa. Detalhamos os bancos de Dados VARSUL e BDSer e explicamos como foi feita a seleção e distribuição de nossos informantes. Também apresentamos as variáveis por nós selecionadas para realização da pesquisa. Os dados foram levantados de quarenta entrevistas sociolinguísticas de Flores da Cunha, vinte do VARSUL, vinte do BDSer, rodados separadamente.

No sexto e último capítulo, apresentamos os resultados que obtivemos através da análise quantitativa. Foram 1984 os contextos levantados das entrevistas do VARSUL, 1440 os contextos levantados de entrevistas do BDSer. A proporção total de aplicação da regra foi de 41% nos dados do VARSUL, 31% nos do BDSer.

A análise em tempo aparente dos dados de cada um dos bancos confirmou algumas de nossas hipóteses.

A primeira delas é de que, quando a consoante em estudo ocupa a posição medial na palavra, há um favorecimento da aplicação da regra. Conforme também verificado em outros estudos, a sílaba medial de mostra favorecedora não só pelo fato de que a realização esperada nessa posição seja uma só, vibrante, mas também por se constituir um contexto menos perceptível ou identificável do ponto de vista articulatorio.

Outra de nossas hipóteses confirmadas na análise é a de que, quanto mais escolarizado o informante é, menos emprega o tepe em contexto de vibrante,

ou seja, o informante mais escolarizado tem mais consciência sobre a correção em seu modo de falar.

Quanto ao fator Bilinguismo, também confirmamos nossa hipótese. Quanto maior for o contato do indivíduo com a fala dialetal italiana, maior é a aplicação da regra por parte dele.

Mais uma hipótese se confirmou ao analisarmos a variável Gênero. Como esperávamos, as mulheres usam menos o tepe em lugar de vibrante, possivelmente devido ao fato de o tepe ser uma variante desprestigiada em relação ao falar padrão do português brasileiro.

Para a variável Idade, obtivemos resultados diferentes para cada um dos bancos de dados. Enquanto para o VARSUL a variável Idade não foi selecionada como significativa, para o BDSer obtivemos resultados diferentes do que esperávamos. A nossa hipótese inicial era a de que, quanto maior fosse a idade do informante, maior seria a aplicação da regra. Para os dados do BDSer, nosso resultado foi o de que os jovens condicionam a troca do tepe por vibrante. Acreditamos que tal resultado tenha sido devido ao local de residência: a zona rural. Ao ter acesso às fichas sociais dos informantes, percebemos que os mais jovens residiam, em sua maioria, na zona rural do município. Conforme o estudo de Battisti e Martins (2011), moradores da zona rural, por terem um maior contato com o dialeto italiano, produzem mais o tepe no lugar da vibrante. Em nosso estudo, não controlamos a variável Local de Residência porque o VARSUL não distingue informantes rurais de urbanos

Assim, quanto à análise em Tempo Aparente, os dados do BDSer nos revelam que o emprego do tepe em lugar de vibrante está progredindo, mas como já mencionado em nosso capítulo seis, tomamos tal sugestão com cautela em razão da aplicação total da regra, que foi de 41% nos dados do VARSUL e de 31% nos dados do BDSer, o que indica decréscimo e não aumento da aplicação da regra.

Ao submetermos nossos dados a uma análise em tempo real, estudo de tendência, observamos que, mesmo passados quase vinte anos entre a realização de uma coleta e outra, o comportamento dos informantes se mostrou semelhante. As variáveis linguísticas Posição da Sílabas na Palavra e Número de Sílabas se

mostram significativas em ambos os projetos, VARSUL e BDSer. As variáveis relacionadas a fatores extralinguísticos que se mostraram significativas tanto no VARSUL quanto no BDSer foram Bilinguismo, Gênero e Escolaridade.

Para a variável Idade, a comparação dos grupos etários nos mostrou que a aplicação da regra parece estar estável. Em 1990, quando foram coletados os dados do projeto VARSUL, os informantes no grupo 40 a 59 anos era o que menos empregava a regra variável. Esse grupo, na faixa dos 60 ou mais anos nas entrevistas do BDSer, seguiu sendo o grupo etário que menos emprega tepe. Isso nos leva a concluir que esses informantes tenham mantido seu comportamento linguístico ao longo dos 20 anos.

Para a realização de um estudo de painel, comparamos a fala de três informantes, que, por coincidência, foram entrevistados pelo VARSUL em 1990 e também pelo BDSer em 2009. Todos eles diminuíram a aplicação da regra com o passar dos anos, quando se esperaria uma certa estabilidade em seu padrão de fala, já que se tratam de informantes adultos.

Com os resultados da presente pesquisa, pretendeu-se contribuir para a análise e descrição do português falado no Brasil, o que, acreditamos, conseguimos alcançar. Fica o compromisso futuro de aperfeiçoar o trabalho em alguns aspectos, como o controle do papel dos clíticos em relação à sílaba inicial na análise da posição da sílaba, ou a realização de *crosstabs* (tabulações cruzadas) de alguns grupos de fatores, como de Idade com Escolaridade, que o cumprimento aos prazos não nos permitiu promover.

REFERÊNCIAS

BATTISTEL, Arlindo Itacir; COSTA, Rovílio. *Assim vivem os Italianos – Religião, música, trabalho e Lazer*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brides e Editora da Universidade de Caxias do Sul, 1983.

BATTISTI, Elisa; LEMBI, Cristiane. *BDSer: corpus lingüístico como acervo de experiências pessoais*. Métis (UCS), Caxias do Sul, v. 3, n. 5, p. 61-79, 2004.

BATTISTI, Elisa; MARTINS, Luisa Bitencourt. *A realização da variável vibrante simples em lugar de múltipla no português falado em Flores da Cunha (RS): Mudanças sociais e linguísticas*. In: Caderno do IL, Volume 42, 2011, Número 1 ou 2.

BISOL, Leda (Org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 4. ed. rev. ampl. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

BOVO, Nínive Magdiel Peter. *A variação da vibrante e seu valor social*. Caxias do Sul/RS: UCS. (Dissertação de mestrado), 2004.

BRESCANCINI, Cláudia. A análise de regra variável e o programa VARBRUL 2S. In: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia (org.). *Fonologia e Variação: recortes do Português Brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. P. 13–75.

CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. 31. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000 [1970].

DE BONI, Luis A; COSTA, Rovílio. *Os Italianos do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brides; Caxias do Sul, Universidade de Caxias do Sul, 1979.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguística Histórica*. São Paulo: Ática, 1998.

FROSI, Vitalina Maria; MIORANZA, Ciro. *Dialetos italianos: um perfil linguístico dos ítalo-brasileiros do Nordeste do Rio Grande do Sul*. Caxias do Sul: EDUCS, 1983.

LABOV, William. *Principles of linguistic change: Internal factors*. Oxford: Blackwell 1994.

_____. *Principles of linguistic change: Social factors*. Blackwell, Oxford, Blackwell, 2001.

_____. *Padrões Sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LUNARDI, Ivana. *Histórias e Memórias de Flores da Cunha; para conhecer, amar, rir e chorar...* Ivana Lunardi. Porto Alegre: Evangraf, 1999.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação Teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2004. p. 9-14.

MONARETTO, V. N. O. (1992) *A vibrante: representação e análise sociolinguística*. Porto Alegre/RS: UFRGS. (Dissertação de mestrado)

_____. *Um reestudo da vibrante: análise variacionista e fonológica*. 1997. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

MONARETTO, Valéria N. O; QUEDNAU, Laura Rosane; HORA, Demerval da. As consoantes do português. In: BISOL, Leda (Org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 4. ed. rev. ampl. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. p.207-241.

MONTEIRO, José Lemos. *Para compreender Labov*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

NARO, Antony. Fatores extralinguísticos: Idade. In: MOLLICA, Maria Cecília (org). *Introdução à sociolinguística variacionista*. Rio de Janeiro: Cadernos Didáticos UFRJ, 1992. p. 81-87.

NARO, Anthony Julius. O Dinamismo das Línguas. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2004. p. 43-50

ROSSI, Albertina. (2000) *A variação da vibrante múltipla no interior da palavra lexical na fala de descendentes italianos das cidades sulinas Chapecó/SC e Flores da Cunha/RS*. Working Papers em Linguística, UFSC, N.4

SPESSATTO, Marizete B. *Marcas da História: Características Dialetais dos Imigrantes Italianos na Fala de Chapecó*. Florianópolis: UFSC, 2001. Dissertação de Mestrado.

VAILATI, Gissely Lovatto, org. *Nossa história de Nova Trento a Flores da Cunha*. org. Gissely Lovatto Vailati e Graziela Mazzarotto. Porto Alegre: Evangraf, 2006.

WEINREICH, U; LABOV, W; HERZOG, M. *Fundamentos Empíricos para uma mudança linguística*. Tradução de Marcos Bagno. Parábola, São Paulo: 2006 [1968].

ANEXOS

Rodadas VARSUL

• CELL CREATION • 30/11/2011 09:44:44

Name of token file: rodada com Nati.tkn

Name of condition file: Untitled.cnd

```
(
(1 (NIL (COL 4 ?)))
(3)
(4)
(5)
(6 (5 (COL 6 5))
(5 (COL 6 6))
(7 (COL 6 7)))
(7 (B (COL 7 B))
(B (COL 7 C))
(D (COL 7 D)))
(8 (F (COL 8 F))
(E (COL 8 E))
(E (COL 8 N)))
)
```

Number of cells: 48

Application value(s): 10

Total no. of factors: 13

Group	1	0	Total	%

1 (3)	1	0		
I N	405	798	1203	60.6
%	33.7	66.3		
M N	408	373	781	39.4
%	52.2	47.8		
Total N	813	1171	1984	
%	41.0	59.0		

2 (4)	1	0		
2 N	366	504	870	43.9
%	42.1	57.9		
4 N	133	276	409	20.6
%	32.5	67.5		
3 N	314	391	705	35.5
%	44.5	55.5		
Total N	813	1171	1984	
%	41.0	59.0		

3 (5)	1	0		
X N	298	643	941	47.4
%	31.7	68.3		

Y N	515	528	1043	52.6
%	49.4	50.6		

Total N	813	1171	1984	
%	41.0	59.0		

4 (6)	1	0		
5 N	657	986	1643	82.8
%	40.0	60.0		

7 N	156	185	341	17.2
%	45.7	54.3		

Total N	813	1171	1984	
%	41.0	59.0		

5 (7)	1	0		
B N	677	735	1412	71.2
%	47.9	52.1		

D N	136	436	572	28.8
%	23.8	76.2		

Total N	813	1171	1984	
%	41.0	59.0		

6 (8)	1	0		
F N	788	1019	1807	91.1
%	43.6	56.4		

E N	25	152	177	8.9
%	14.1	85.9		

Total N	813	1171	1984	
%	41.0	59.0		

TOTAL N	813	1171	1984	
%	41.0	59.0		

Name of new cell file: .cel

• BINOMIAL VARBRUL • 30/11/2011 09:45:28
 Name of cell file: .cel

Averaging by weighting factors.

Threshold, step-up/down: 0.050001

Stepping up...

----- Level # 0 -----

Run # 1, 1 cells:
Convergence at Iteration 2
Input 0.410
Log likelihood = -1342.727

----- Level # 1 -----

Run # 2, 2 cells:
Convergence at Iteration 4
Input 0.407
Group # 1 -- I: 0.425, M: 0.614
Log likelihood = -1309.033 Significance = 0.000

Run # 3, 3 cells:
Convergence at Iteration 4
Input 0.409
Group # 2 -- 2: 0.512, 4: 0.411, 3: 0.537
Log likelihood = -1334.465 Significance = 0.000

Run # 4, 2 cells:
Convergence at Iteration 4
Input 0.407
Group # 3 -- X: 0.404, Y: 0.587
Log likelihood = -1310.380 Significance = 0.000

Run # 5, 2 cells:
Convergence at Iteration 4
Input 0.410
Group # 4 -- 5: 0.490, 7: 0.548
Log likelihood = -1340.806 Significance = 0.050

Run # 6, 2 cells:
Convergence at Iteration 5
Input 0.403
Group # 5 -- B: 0.577, D: 0.317
Log likelihood = -1291.267 Significance = 0.000

Run # 7, 2 cells:
Convergence at Iteration 5
Input 0.402
Group # 6 -- F: 0.534, E: 0.196
Log likelihood = -1309.788 Significance = 0.000

Add Group # 5 with factors BD

----- Level # 2 -----

Run # 8, 4 cells:
 Convergence at Iteration 5
 Input 0.400
 Group # 1 -- I: 0.426, M: 0.613
 Group # 5 -- B: 0.577, D: 0.317
 Log likelihood = -1259.655 Significance = 0.000

Run # 9, 6 cells:
 Convergence at Iteration 5
 Input 0.401
 Group # 2 -- 2: 0.511, 4: 0.392, 3: 0.551
 Group # 5 -- B: 0.581, D: 0.309
 Log likelihood = -1279.035 Significance = 0.000

Run # 10, 4 cells:
 Convergence at Iteration 5
 Input 0.400
 Group # 3 -- X: 0.414, Y: 0.578
 Group # 5 -- B: 0.572, D: 0.328
 Log likelihood = -1267.254 Significance = 0.000

Run # 11, 3 cells:
 Convergence at Iteration 6
 Input 0.403
 Group # 4 -- 5: 0.505, 7: 0.477
 Group # 5 -- B: 0.579, D: 0.313
 Log likelihood = -1290.831 Significance = 0.366

Run # 12, 4 cells:
 Convergence at Iteration 5
 Input 0.396
 Group # 5 -- B: 0.575, D: 0.322
 Group # 6 -- F: 0.533, E: 0.208
 Log likelihood = -1263.327 Significance = 0.000

Add Group # 1 with factors IM

----- Level # 3 -----

Run # 13, 12 cells:
 Convergence at Iteration 5
 Input 0.399
 Group # 1 -- I: 0.426, M: 0.613
 Group # 2 -- 2: 0.520, 4: 0.392, 3: 0.539
 Group # 5 -- B: 0.580, D: 0.311
 Log likelihood = -1248.595 Significance = 0.000

Run # 14, 8 cells:
 Convergence at Iteration 5
 Input 0.398
 Group # 1 -- I: 0.425, M: 0.614
 Group # 3 -- X: 0.414, Y: 0.578
 Group # 5 -- B: 0.571, D: 0.329
 Log likelihood = -1236.288 Significance = 0.000

Run # 15, 6 cells:
 Convergence at Iteration 6
 Input 0.400
 Group # 1 -- I: 0.425, M: 0.614
 Group # 4 -- 5: 0.507, 7: 0.468
 Group # 5 -- B: 0.580, D: 0.312
 Log likelihood = -1258.892 Significance = 0.221

Run # 16, 8 cells:
 Convergence at Iteration 5
 Input 0.394
 Group # 1 -- I: 0.429, M: 0.608
 Group # 5 -- B: 0.574, D: 0.323
 Group # 6 -- F: 0.531, E: 0.219
 Log likelihood = -1235.264 Significance = 0.000

Add Group # 6 with factors FE

----- Level # 4 -----

Run # 17, 24 cells:
 Convergence at Iteration 5
 Input 0.393
 Group # 1 -- I: 0.429, M: 0.608
 Group # 2 -- 2: 0.516, 4: 0.404, 3: 0.536
 Group # 5 -- B: 0.577, D: 0.318
 Group # 6 -- F: 0.530, E: 0.230
 Log likelihood = -1226.935 Significance = 0.000

Run # 18, 12 cells:
 Convergence at Iteration 6
 Input 0.392
 Group # 1 -- I: 0.430, M: 0.607
 Group # 3 -- X: 0.382, Y: 0.607
 Group # 5 -- B: 0.565, D: 0.345
 Group # 6 -- F: 0.541, E: 0.155
 Log likelihood = -1193.381 Significance = 0.000

Run # 19, 10 cells:
 Convergence at Iteration 6
 Input 0.394

Group # 1 -- I: 0.428, M: 0.609
 Group # 4 -- 5: 0.512, 7: 0.444
 Group # 5 -- B: 0.579, D: 0.313
 Group # 6 -- F: 0.532, E: 0.211
 Log likelihood = -1232.976 Significance = 0.036

Add Group # 3 with factors XY

----- Level # 5 -----

Run # 20, 36 cells:
 Convergence at Iteration 6
 Input 0.391
 Group # 1 -- I: 0.430, M: 0.607
 Group # 2 -- 2: 0.514, 4: 0.411, 3: 0.535
 Group # 3 -- X: 0.383, Y: 0.606
 Group # 5 -- B: 0.567, D: 0.339
 Group # 6 -- F: 0.540, E: 0.163
 Log likelihood = -1186.547 Significance = 0.001

Run # 21, 16 cells:
 Convergence at Iteration 6
 Input 0.392
 Group # 1 -- I: 0.430, M: 0.608
 Group # 3 -- X: 0.383, Y: 0.606
 Group # 4 -- 5: 0.508, 7: 0.463
 Group # 5 -- B: 0.568, D: 0.338
 Group # 6 -- F: 0.542, E: 0.152
 Log likelihood = -1192.441 Significance = 0.178

Add Group # 2 with factors 243

----- Level # 6 -----

Run # 22, 48 cells:
 Convergence at Iteration 6
 Input 0.391
 Group # 1 -- I: 0.430, M: 0.607
 Group # 2 -- 2: 0.514, 4: 0.410, 3: 0.536
 Group # 3 -- X: 0.385, Y: 0.604
 Group # 4 -- 5: 0.508, 7: 0.460
 Group # 5 -- B: 0.571, D: 0.331
 Group # 6 -- F: 0.541, E: 0.160
 Log likelihood = -1185.428 Significance = 0.144

No remaining groups significant

Groups selected while stepping up: 5 1 6 3 2
 Best stepping up run: #20

Stepping down...

----- Level # 6 -----

Run # 23, 48 cells:

Convergence at Iteration 6

Input 0.391

Group # 1 -- I: 0.430, M: 0.607

Group # 2 -- 2: 0.514, 4: 0.410, 3: 0.536

Group # 3 -- X: 0.385, Y: 0.604

Group # 4 -- 5: 0.508, 7: 0.460

Group # 5 -- B: 0.571, D: 0.331

Group # 6 -- F: 0.541, E: 0.160

Log likelihood = -1185.428

----- Level # 5 -----

Run # 24, 24 cells:

Convergence at Iteration 6

Input 0.393

Group # 2 -- 2: 0.504, 4: 0.413, 3: 0.546

Group # 3 -- X: 0.384, Y: 0.605

Group # 4 -- 5: 0.507, 7: 0.466

Group # 5 -- B: 0.571, D: 0.330

Group # 6 -- F: 0.542, E: 0.152

Log likelihood = -1211.156 Significance = 0.000

Run # 25, 16 cells:

Convergence at Iteration 6

Input 0.392

Group # 1 -- I: 0.430, M: 0.608

Group # 3 -- X: 0.383, Y: 0.606

Group # 4 -- 5: 0.508, 7: 0.463

Group # 5 -- B: 0.568, D: 0.338

Group # 6 -- F: 0.542, E: 0.152

Log likelihood = -1192.441 Significance = 0.001

Run # 26, 30 cells:

Convergence at Iteration 6

Input 0.393

Group # 1 -- I: 0.429, M: 0.609

Group # 2 -- 2: 0.516, 4: 0.403, 3: 0.538

Group # 4 -- 5: 0.512, 7: 0.441

Group # 5 -- B: 0.582, D: 0.307

Group # 6 -- F: 0.531, E: 0.221

Log likelihood = -1224.369 Significance = 0.000

Run # 27, 36 cells:

Convergence at Iteration 6

Input 0.391
 Group # 1 -- I: 0.430, M: 0.607
 Group # 2 -- 2: 0.514, 4: 0.411, 3: 0.535
 Group # 3 -- X: 0.383, Y: 0.606
 Group # 5 -- B: 0.567, D: 0.339
 Group # 6 -- F: 0.540, E: 0.163
 Log likelihood = -1186.547 Significance = 0.144

Run # 28, 30 cells:
 Convergence at Iteration 6
 Input 0.396
 Group # 1 -- I: 0.429, M: 0.608
 Group # 2 -- 2: 0.516, 4: 0.427, 3: 0.523
 Group # 3 -- X: 0.369, Y: 0.619
 Group # 4 -- 5: 0.495, 7: 0.526
 Group # 6 -- F: 0.543, E: 0.146
 Log likelihood = -1219.722 Significance = 0.000

Run # 29, 36 cells:
 Convergence at Iteration 6
 Input 0.397
 Group # 1 -- I: 0.426, M: 0.613
 Group # 2 -- 2: 0.520, 4: 0.391, 3: 0.539
 Group # 3 -- X: 0.415, Y: 0.577
 Group # 4 -- 5: 0.503, 7: 0.484
 Group # 5 -- B: 0.576, D: 0.319
 Log likelihood = -1225.364 Significance = 0.000

Cut Group # 4 with factors 57

----- Level # 4 -----

Run # 30, 18 cells:
 Convergence at Iteration 6
 Input 0.393
 Group # 2 -- 2: 0.504, 4: 0.414, 3: 0.545
 Group # 3 -- X: 0.382, Y: 0.606
 Group # 5 -- B: 0.568, D: 0.336
 Group # 6 -- F: 0.542, E: 0.155
 Log likelihood = -1211.972 Significance = 0.000

Run # 31, 12 cells:
 Convergence at Iteration 6
 Input 0.392
 Group # 1 -- I: 0.430, M: 0.607
 Group # 3 -- X: 0.382, Y: 0.607
 Group # 5 -- B: 0.565, D: 0.345
 Group # 6 -- F: 0.541, E: 0.155
 Log likelihood = -1193.381 Significance = 0.001

Run # 32, 24 cells:
Convergence at Iteration 5
Input 0.393
Group # 1 -- I: 0.429, M: 0.608
Group # 2 -- 2: 0.516, 4: 0.404, 3: 0.536
Group # 5 -- B: 0.577, D: 0.318
Group # 6 -- F: 0.530, E: 0.230
Log likelihood = -1226.935 Significance = 0.000

Run # 33, 18 cells:
Convergence at Iteration 6
Input 0.396
Group # 1 -- I: 0.429, M: 0.608
Group # 2 -- 2: 0.516, 4: 0.427, 3: 0.524
Group # 3 -- X: 0.370, Y: 0.618
Group # 6 -- F: 0.544, E: 0.143
Log likelihood = -1220.187 Significance = 0.000

Run # 34, 24 cells:
Convergence at Iteration 5
Input 0.397
Group # 1 -- I: 0.426, M: 0.613
Group # 2 -- 2: 0.520, 4: 0.392, 3: 0.538
Group # 3 -- X: 0.414, Y: 0.578
Group # 5 -- B: 0.575, D: 0.322
Log likelihood = -1225.567 Significance = 0.000

All remaining groups significant

Groups eliminated while stepping down: 4
Best stepping up run: #20
Best stepping down run: #27

Rodada BDSer

- CELL LOADING • 22/11/2011 22:17:52
- Cell file: BDSer sem tonicidade e amalgamada 2 e 4 sil.cel
- 16/11/2011 22:47:05
- Token file: BedSer Reformulado Untitled.tkn
- Conditions: BDSer sem tonicidade e amalgamada 2 e 4 sil. cnd
 Number of cells: 56
 Application value(s): 10
 Total no. of factors: 13

Group	1	0	Total	%

1 (2)	1	0		
I N	232	676	908	63.1
%	25.6	74.4		
M N	211	321	532	36.9
%	39.7	60.3		
Total N	443	997	1440	
%	30.8	69.2		

2 (3)	1	0		
2 N	245	614	859	59.7
%	28.5	71.5		
3 N	198	383	581	40.3
%	34.1	65.9		
Total N	443	997	1440	
%	30.8	69.2		

3 (4)	1	0		
Y N	292	456	748	51.9
%	39.0	61.0		
X N	151	541	692	48.1
%	21.8	78.2		
Total N	443	997	1440	
%	30.8	69.2		

4 (5)	1	0		
6 N	120	219	339	23.5
%	35.4	64.6		
5 N	162	296	458	31.8
%	35.4	64.6		

7	N	161	482	643	44.7
	%	25.0	75.0		

Total N		443	997	1440	
	%	30.8	69.2		

5 (6)		1	0		
D	N	138	550	688	47.8
	%	20.1	79.9		
B	N	305	447	752	52.2
	%	40.6	59.4		

Total N		443	997	1440	
	%	30.8	69.2		

6 (7)		1	0		
E	N	20	330	350	24.3
	%	5.7	94.3		
F	N	423	667	1090	75.7
	%	38.8	61.2		

Total N		443	997	1440	
	%	30.8	69.2		

TOTAL N		443	997	1440	
	%	30.8	69.2		